CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA

KARINA DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DO
PRECONCEITO/BULLYING EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE VITÓRIA-ES**

VITÓRIA
2017

KARINA DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DO
PRECONCEITO/BULLYING EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE VITÓRIA-ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Leonardo Miglinas.

VITÓRIA

2017

KARINA DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DO
PRECONCEITO/BULLYING EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE VITÓRIA-ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Prof. Ms. Leonardo Miglinas - Orientador

Prof. XXXXXXXXXXXXXXXX, Instituição

Prof. XXXXXXXXXXXX, Instituição

Dedico esse trabalho aos meus alunos, que foram minha inspiração pra fazer essa pesquisa. E para aqueles que sofrem ou já sofreram preconceito e bullying, todo o meu respeito a vocês, e estamos juntos nessa luta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço Deus por ter me dado sabedoria, paciência, persistência e me permitir ser o que sou e a conquistar novos conhecimentos.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica, por todos ensinamentos, por todos os conselhos, por todos os momentos vividos, por toda a dedicação.

Ao meu professor orientador Ms. Leonardo Miglinas por toda orientação, ajuda, correções e incentivo que foram de grande valia para realização desta pesquisa.

A todos meus colegas de turma, que compartilharam conhecimentos e bons momentos que levarei para sempre.

Aos amigos Maik, Saulo, Jakson, Thiago, companheiros de trabalho, mesmo a algumas desavenças me suportaram e me compreenderam, obrigada pelos ensinamentos, vocês fizeram parte da minha formação. A Joelma, não poderia esquecer, vivemos bons momentos no nosso estágio na educação infantil, primeiro estágio e tão importante para nós, obrigada pela parceria.

A minha família, aos meus amigos, que sei que torcem por mim em cada escolha que faço, que me passam boas energias para que tudo dê certo, obrigada vocês são essenciais em minha vida.

A instituição pela oportunidade de fazer o curso, e toda sua equipe de profissionais que me deram suporte quando precisei.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para minha formação, que estiveram e estão próximos de mim, meu muito obrigada.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Paulo Freire.

RESUMO

A pesquisa realizada tratou-se da temática preconceito e bullying nas aulas de educação física, na relação de alunos com e sem deficiência, visto que as pessoas com deficiência sempre estiveram à parte na sociedade, e mesmo com esse contexto atual de inclusão ainda sofrem com o preconceito e bullying. Assim entendermos que ainda existem muitas dúvidas não só dos alunos sobre a temática, mas também dos professores para saber lidar com as situações e incluir o aluno com deficiência nas suas aulas, e para que consigamos realmente avançar para um modelo de sociedade inclusiva é necessário que essas situações de preconceito e bullying sejam eliminadas definitivamente das escolas. O presente estudo teve por objetivo principal identificar e analisar as situações de preconceitos e bullying que ocorrem na relação existente na escola envolvendo alunos com e sem deficiência. Como objetivo específico buscou-se discutir de maneira geral como o preconceito e o bullying é tratado pela escola; identificar quais situações de preconceito e bullying que ocorre na escola; identificar as consequências que o preconceito e o bullying traz a essas crianças; averiguar como o professor de educação física trabalha as questões de preconceito e bullying em suas aulas e identificar na visão dos alunos os motivos que reforçam as situações de preconceito e bullying. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo, realizada em uma escola do município de Vitória, onde foram entrevistados uma professora de educação física, uma pedagoga e aplicamos questionário para 46 alunos do ensino fundamental I. Com os resultados obtidos pudemos analisar que as situações de preconceito e bullying ocorre na escola, percebeu-se que os alunos não conseguiram conceituar o que é preconceito e bullying, que apesar dos trabalhos realizados pela escola ainda não foram o suficiente, pois ainda ocorrem essas situações na escola. As principais situações de bullying que foram apresentadas estão relacionadas a xingamentos, desprezo, excluir o colega dos círculos de amizades, inferioriza-los. A partir daí, fica claro que é preciso trabalhos mais intensos na escola sobre a temática, que a escola busque estratégias para eliminar essas situações, e que os professores busquem se atualizar sobre a temática, para assim ter estratégias para contornar as situações.

Palavras-chave: Educação Física. Preconceito. Bullying. Inclusão.

ABSTRACT

The research carried out was about the subject of prejudice and bullying in physical education classes, in the relation of students with and without disabilities, since people with disabilities have always been apart in society, and even with this current context of inclusion they still suffer from prejudice and bullying. So we understand that there are still many doubts not only about the students but also about how to deal with situations and include the disabled student in their classes, and for us to really move towards an inclusive model of society it is necessary these situations of prejudice and bullying are definitely eliminated from schools. The main objective of this study was to identify and analyze the situations of prejudice and bullying that occur in the relationship existing in the school involving students with and without disabilities. As a specific objective, we tried to discuss in a general way how prejudice and bullying are treated by the school; identify which situations of prejudice and bullying occur in school; identify the consequences that prejudice and bullying brings to these children; to find out how the physical education teacher works the issues of prejudice and bullying in his classes and to identify in the view of the students the reasons that reinforce the situations of prejudice and bullying. The methodology used was a field survey, carried out in a school in the city of Vitória, where a physical education teacher, a pedagogue, was interviewed and we applied a questionnaire to 46 elementary students I. With the results we were able to analyze that the situations of prejudice and bullying occurs in the school, it was noticed that the students failed to conceptualize what is prejudice and bullying, which despite the work carried out by the school have not yet been enough, as these situations still occur in school. The main situations of bullying that have been presented are related to swearing, contempt, excluding the colleague from the circles of friendships, lowering them. From there, it is clear that more intense work is needed in the school on the subject, that the school seeks strategies to eliminate these situations, and that teachers seek to update themselves on the subject, in order to have strategies to circumvent situations.

Keywords: PE. Preconception. Bullying. Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1 A HISTÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O PRECONCEITO	23
2.2 INCLUSÃO E EDUCAÇÃO	27
2.3 BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR	31
2.3.1 Bullying com crianças deficientes	35
2.4 INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	37
3 METODOLOGIA	43
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	47
4.1 COMO O PRECONCEITO E O BULLYING SÃO TRATADOS PELA ESCOLA .51	
4.2 AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E BULLYING QUE OCORREM NA ESCOLA INVESTIGADA	55
4.3 AS CONSEQUÊNCIAS QUE O PRECONCEITO E O BULLYING TRAZEM A ESSAS CRIANÇAS	60
4.4 COMO O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHA AS QUESTÕES DE PRECONCEITO E BULLYING EM SUAS AULAS	62
4.5 IDENTIFICAR NA VISÃO DOS ALUNOS OS MOTIVOS QUE REFORÇAM AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E BULLYING.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	79
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	81
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA A PEDAGOGA	83
APÊNDICE D – RELATO DA ESTAGIÁRIA	85

APÊNDICE E – RESPOSTAS DA ENTREVISTA DA PROFESSORA	87
APÊNDICE F – RESPOSTAS DA ENTREVISTA DA PEDAGOGA	91
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história as pessoas com deficiência sempre foram vítimas e estiveram a parte das oportunidades na sociedade, e essa exclusão possivelmente seja umas das principais causas do preconceito que essas pessoas ainda vivem na sociedade atual. Neste sentido para Rodrigues (Mundo Educação, 2016) “A palavra preconceito é etimologicamente constituída por duas partes diferentes: *pré*, que dá ideia de algo anterior ... e conceito, aquilo que se entende ou compreende em respeito de algo [...]”, então a ideia de preconceito seria um julgamento prévio, julgar sem ao menos conhecer. O preconceito ele aparece em diversas situações ao longo da história, onde por exemplo as pessoas com deficiência num período histórico eram queimadas em praça pública pois achava-se que essas pessoas eram amaldiçoadas, elas eram perseguidas, abandonadas, castigadas e eliminadas devido as suas diferenças. O preconceito está inserido em todos os contextos em que há interação humana, inclusive no contexto escolar onde há uma diversidade de sujeitos muito grande. Existem vários tipos de preconceito no meio social, um deles é o preconceito associado ao bullying.

Fante (2005, p. 28) define o bullying como “[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente [...] causando dor, angústia e sofrimento [...]”. As consequências são inúmeras, afetando o psicológico, emocional e sócio educacional desse indivíduo, e com isso o indivíduo se isola, não interage com outras crianças na escola e nem no ambiente familiar, não sentem vontade de ir à escola, não fazem amigos, e em alguns casos cometem suicídio ou homicídio.

O preconceito e o bullying com o aluno deficiente é um caso mais complexo, por que além dele ter de conviver com suas limitações, eles ainda têm que encarar a discriminação, o preconceito que sofrem pelos colegas, para Dias e Pingoello (2016, p. 51) “[...] essa experiência de violência impede que a criança com necessidades educacionais especiais perceba todo seu potencial de aprendizagem, pois estará com a atenção voltada para a defesa das agressões [...]”. Assim, com o passar do tempo, visto a necessidade de apoio a essas pessoas, foram surgindo leis para inclusão desses sujeitos na sociedade, para que tivessem uma vida semelhante às pessoas sem deficiência, e que fossem respeitados mesmo com suas diferenças. Mesmo com

muitos direitos conquistados eles ainda sofrem, por serem diferentes em sua aparência, por não se socializar com facilidade, fugindo dos padrões considerados normais pela sociedade.

Um marco na história da conquista das pessoas com deficiência por direitos, é a Declaração de Salamanca, Documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial que foi realizada em Salamanca, na Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais, de acordo com o movimento de inclusão social, ela diz “[...] reafirmamos o nosso compromisso para com a educação para todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais [...]” (DECLARAÇÃO, 1994, p. 01) e partir desta, observa-se avanços.

A Declaração de Salamanca (1994, p. 03) ainda prevê:

[...] escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de bem sucedidamente educar todas as crianças, incluindo aquelas que possuam desvantagens severa. O mérito de tais escolas não reside somente no fato suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas [...] O desafio que confronta a escola inclusiva é no que diz respeito ao de que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças: o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva.

Contudo, a inserção desses alunos a escola tem a intenção da diminuição do preconceito, que de fato comparando o passado com a situação atual percebemos que houve essa redução, pois através do contato do aluno deficiente com o aluno sem deficiência no dia a dia nas escolas houve essa contemplação da quebra de alguns preconceitos, mas mesmo com essa questão atual da inclusão, ainda percebemos alguns casos de preconceito, associado a falta de informação na formação dessas crianças gerando assim situações de preconceito, com isso é necessário investigar por quais motivos ainda leva as pessoas a terem ações de preconceito, que consequentemente gera situações de bullying. Trazendo essas questões para a educação percebemos a necessidade que os profissionais e a escola tenham cada vez mais conhecimento e saibam trabalhar com os alunos para minimizar o preconceito na escola.

Essa questão aqui apontada como um problema a ser investigado, ganhou ênfase quando eu como estagiaria numa determinada escola, na qual é desenvolvido um trabalho com crianças com deficiência, no dia a dia com os alunos pude presenciar casos de preconceito e bullying. Em uma das vivências de estagio obrigatório presenciei a existência da rejeição de alguns alunos com uma aluna com deficiência, gerando assim uma vontade de investigar um pouco mais a fundo essas situações que ainda parece ocorrer de maneira sistemática nas escolas. Assim, acreditamos que é de grande importância estudos como este para trazer questões atuais que ocorrem nas escolas, e para mostrar o quanto essas atitudes negativas de preconceito e bullying influenciam na vida escolar e social de quem sofre qualquer tipo de preconceito.

Com toda discussão atual sobre a importância da inclusão e com a presença cada vez maior de alunos com deficiência nas escolas e nas aulas de educação física, de que forma ainda ocorrem situações de preconceito e bullying com esses sujeitos dentro da escola? De que forma ela aparece? E de que forma os professores reforçam essas situações de preconceito, ou trabalham para que esse preconceito não aconteça nas aulas de educação física? Com intuito de responder estas inquietações é que os objetivos desse trabalho de conclusão de curso foram traçados.

Assim, a partir dessas questões levantadas, o objetivo geral dessa pesquisa é Identificar e analisar as situações de preconceitos e bullying que ocorrem na relação existente na escola envolvendo alunos com e sem deficiência. Para o alcance desse objetivo geral, buscamos como objetivos específicos: discutir de maneira geral como o preconceito e o bullying são tratados pela escola; identificar e analisar quais situações de preconceito e bullying que ocorre na escola investigada; identificar as consequências que o preconceito e o bullying trazem a essas crianças; averiguar como o professor de educação física trabalha as questões de preconceito e bullying em suas aulas e identificar na visão dos alunos os motivos que reforçam as situações de preconceito e bullying.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 A HISTÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O PRECONCEITO

Ao longo da história da humanidade as pessoas com deficiência sempre estiveram à parte na sociedade, os tipos de comportamentos relacionados a essas pessoas eram de repúdio, omissão e destruição, devido as suas aparências, pois acreditavam-se que essas pessoas eram amaldiçoadas e deveriam ser castigadas por Deus, a deficiência era sinônimo de pecado.

E a literatura apresenta diversos períodos na história que relata como essas pessoas eram tratadas em cada período histórico. Farei um breve resumo dos períodos marcantes de cada época.

Na vida primitiva era impossível sobreviver devido ao ambiente hostil da terra, não havia abrigo para os dias quentes e frios, era preciso ir a caça para se alimentar e ainda guardar alimento para o inverno rigoroso e longo, era um ambiente desfavorável para a sobrevivência dessas pessoas (GUGEL, acesso em 06 setembro. 2017).

Na Grécia antiga essas pessoas eram abandonadas e eliminadas, pois eles cultuavam os corpos saudáveis, belos, corpos fortes, para o combate e proteção do seu estado, os diferentes eram eliminados.

Segundo Gugel (acesso em 06 setembro. 2017), “[...] os gregos se dedicavam à arte da guerra, preocupavam-se com as fronteiras de seus territórios [...] os nascidos com deficiência eram eliminados, só os fortes sobreviviam para servir ao exército de Leônidas”. Concordando com Gugel, os autores Pacheco e Alves (2007, p. 243) dizem que na “Grécia Antiga havia uma super valorização do corpo belo e forte, pois favorecia a luta nas guerras. Assim, crianças mal formadas ou doentes eram abandonadas à própria sorte para morrer [...]”. No entanto Schewinsky (2004, p. 08) afirma “[...] aquele que não correspondesse a esse ideal era marginalizado e até mesmo eliminado, entretanto guerreiros mutilados em batalhas eram protegidos pelo estado”, valorizando só aqueles que eram uteis para servir a pátria, ou seja, que tinham os corpos saudáveis.

Em Roma os deficientes serviam de entretenimento para as pessoas ricas nos circos, era permitido mata-los pela pratica do afogamento, os pais abandonavam seus filhos em lugares sagrados, os que sobreviviam eram explorados como esmoladores (GUGEL, acesso em 06 setembro. 2017).

No Cristianismo surgiu uma nova visão das pessoas com deficiência, eles condenavam a pratica da morte das pessoas deficientes, pregando a prática da caridade e amor ao próximo. E por influência da igreja católica nesse período começaram a surgir hospitais e organizações de caridade e assistência para as pessoas deficientes.

Segundo Maranhão (2005, p. 25):

[...] baseava-se na caridade – virtude que tinha como base o sentimento de amor ao próximo, o perdão, a humildade e a benevolência – conteúdo este pregado por Jesus Cristo e que, cada vez mais, conquistava sobremaneira os desfavorecidos. Entre estes estavam aqueles que eram vítimas de doenças crônicas, defeitos físicos e mentais.

Na idade média um período em que as pessoas sofriam por condições precárias de vida e saúde, as pessoas deficientes eram pessoas amaldiçoadas e que nasciam assim por ser castigo de Deus. A própria igreja católica adota comportamentos de discriminação, ao invés de acolher, eles rejeitavam os deficientes, e era lei naquela época a mãe, a parteira e a criança serem queimadas em praça pública pois achavam que eram amaldiçoadas.

Segundo Gugel (acesso em 06 setembro. 2017):

[...] A população ignorante encarava o nascimento de pessoas com deficiência como castigo de Deus. Os supersticiosos viam nelas poderes especiais de feiticeiros ou bruxos. As crianças que sobreviviam eram separadas de suas famílias e quase sempre ridicularizadas. A literatura da época coloca os anões e os corcundas como focos de diversão dos mais abastados.

Mesmo assim os casos de doenças e deficiência começaram a receber mais atenção, pois foram criado mais hospitais e abrigos para as pessoas doentes e os deficientes, pelos senhores feudais e pelos governantes com a ajuda da igreja (MARANHÃO, 2005).

Segundo Gugel (acesso em 06 setembro. 2017) “O rei Luís IX, cujo reinado ocorreu entre 1214 e 1270, fundou o primeiro hospital para pessoas cegas [...]”, onde oferecia moradia e alimentação.

Com o surgimento da Idade Moderna e suas grandes transformações que ocorriam, favoreceram de forma significativa as pessoas deficientes. Como relata Maranhão (2005, p. 26): “Surgiram, nesse contexto, hospitais e abrigos destinados a atender enfermos pobres. Os deficientes, aquele grupo especial que fazia parte dos marginalizados, começaram a receber atenções mais humanizadas”.

Uma época que foram descobertos diversos tratamentos para as pessoas deficientes, O médico e matemático Gerolamo Cardomo inventou um código para ensinar as pessoas surdas a ler e escrever, ele também influenciou um monge a desenvolver um método para educar essas pessoas, por meio de sinais, pois a sociedade naquela época acreditavam que as pessoas surdas não pudessem ser educadas (GUGEL, acesso em 06 setembro. 2017).

Dicher e Trevisam (2014, p. 10) relata que “[...] ganha destaque os estudos de Philippe Pinel...pioneiro no tratamento mais científico e menos supersticioso contra a loucura defendendo tratamentos mais humanos aos doentes mentais [...]”. Mesmo com essas transformações as pessoas deficientes ainda viviam em péssimas situações.

De acordo com Miranda (2003, p. 02):

[...] nos séculos XVIII e meados do século XIX, encontra-se a fase de institucionalização, em que os indivíduos que apresentavam deficiência eram segregados e protegidos em instituições residenciais. O terceiro estágio é marcado, já no final do século XIX e meados do século XX, pelo desenvolvimento de escolas e/ou classes especiais em escolas públicas, visando oferecer à pessoa deficiente uma educação à parte. No quarto estágio, no final do século XX, por volta da década de 70, observa-se um movimento de integração social dos indivíduos que apresentavam deficiência, cujo objetivo era integrá-los em ambientes escolares, o mais próximo possível daqueles oferecidos à pessoa normal.

Nos dias atuais o que busca é a inclusão social, onde visa que todos inclusive as pessoas deficientes tenham acesso a todos os espaços, escolas, transportes públicos, andar com segurança nas ruas, praças, oportunidades iguais de emprego, lazer, para se ter uma vida digna e conseguir seu espaço na sociedade.

Pacheco e Alves (2007, p. 246) diz que:

[...] a inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir as pessoas com deficiência em seus sistemas, ao mesmo tempo que estas preparam-se para assumir seus papéis na sociedade. É então, um processo bilateral no qual tanto a pessoa ainda excluída, quanto à sociedade, buscam equacionar problemas, buscar soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Com base nos acontecimentos históricos não podemos negar as mudanças, mas também não podemos deixar de fazer uma reflexão crítica ao preconceito que gerou ao longo da história e que ainda permeia na sociedade atual.

A literatura apresenta uma vasta situações de preconceito relacionadas a como as pessoas com deficiência era vistas ao longo da história, e já que entendemos hoje que durante muito tempo as pessoas deficientes eram excluídas, isso já é um exemplo de preconceito, para discutirmos melhor sobre o preconceito apresentaremos inicialmente o conceito de preconceito.

Segundo Marcos (INCLUSÃO DIFERENTE, 2012) “[...] preconceito (prefixo *pré-* e *conceito*) é um “juízo” preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude “discriminatória” perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou “estranhos [...]”, concordando com Marcos o autor Lima diz que “preconceito é uma opinião que formamos das pessoas antes de conhecê-las. É um julgamento apressado e superficial ...acaba trazendo muitas situações complicadas e até mesmo violentas (LIMA, 2014)”.

Relacionado ao preconceito com pessoas deficientes Silva (2006, p.426) diz:

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade. A deficiência inscreve no próprio corpo do indivíduo seu caráter particular. O corpo deficiente é insuficiente para uma sociedade que demanda dele o uso intensivo que leva ao desgaste físico, resultado do trabalho subserviente; ou para a construção de uma corporeidade que objetiva meramente o controle e a correção, em função de uma estética corporal hegemônica, com interesses econômicos, cuja matéria-prima/corpo é comparável a qualquer mercadoria que gera lucro. A estrutura funcional da sociedade demanda pessoas fortes, que tenham um corpo “saudável”, que sejam eficientes para competir no mercado de trabalho. O corpo fora de ordem, a sensibilidade dos fracos, é um obstáculo para a produção. Os considerados fortes sentem-se ameaçados pela lembrança da fragilidade, factível, conquanto se é humano.

Relacionando o preconceito com o contexto escolar, Oliveira (2017, p. 138) diz que “O ambiente escolar é visto como local em que educação e aprendizado prevalecem, porém, muitos alunos sofrem preconceito e discriminação [...]”. A escola é um ambiente que é frequentada por diversos sujeitos, por isso um ambiente que essas atitudes são frequentes. Oliveira (2017, p. 139) ainda destaca as consequências que essa violência pode causar “[...] as principais consequências dessa violência são: baixa autoestima, negação da própria imagem, sentimentos de angústia e revolta,

dificuldade com relacionamentos e queda no rendimento escolar [...]”, afetando o desenvolvimento do indivíduo num todo.

As pessoas com deficiência devido as suas diferenças são vistas pela sociedade como estranhos e imperfeitos, se tornando vítima do preconceito. A escola e os professores são agentes fundamentais para a transformação dessa realidade, como diz Oliveira (2017, p. 140) “O professor como agente principal de transformação e ensino, possui a responsabilidade de construir concepções educacionais que fujam de bases discriminatórias e preconceituosas [...]”, podendo discutir com os alunos a respeito da deficiência do colega, explicando sobre a deficiência, para assim minimizar o preconceito dentro das escolas, quando o indivíduo tem conhecimento da deficiência, a tendência é que ele aceite as diferenças do colega. O professor tem que ter conhecimento sobre a deficiência dos alunos e estar preparado para lidar com esses conflitos dentro da escola para assim discutir os diversos tipos de preconceito e as consequências que traz ao aluno deficiente.

Para isso segundo Oliveira (2017, p. 140) “[...] é necessário que a escola esteja a disposição do docente para lhe garantir apoio e formação garantindo conhecimento sobre o que falar e debater com os alunos em sala [...]”, assim o desafio do docente junto com a comunidade escolar é buscar construir um ambiente de igualdade, por que a partir desses preconceito nasce o bullying e os mais diversos tipos de preconceito.

2.2 INCLUSÃO E EDUCAÇÃO

A Educação para pessoas com deficiência sofreu e vem sofrendo muitas mudanças no decorrer dos anos, depois de tanto desprezo, várias conquistas foram adquiridas e vem sendo para essas pessoas.

A evolução da educação para os deficientes no Brasil ocorreu diferente dos países europeus, no Brasil ocorreu de forma vagarosa, já nos países europeus as fases de negligencia ocorreu até o sec. XVII. Na Idade Moderna junto ao surgimento do capitalismo houve um interesse da medicina com os deficientes, passando a existir uma preocupação com essas pessoas, mas mesmo assim eles eram desprezados pela sociedade. No final do século XIX e meados do século XX, surge escolas públicas e turmas especiais, visando oferecer à pessoa deficiente uma educação diferenciado.

Por volta da década de 1970, ocorreu um movimento de integração social a esses indivíduos, com objetivo de oferecer um trato mais próximo que era dado aqueles que eram normais. Dois marcos importante na história da Educação Especial no Brasil foi a criação do Instituto dos Meninos Cegos em 1854, e do Instituto dos Surdos-Mudos em 1857, no Rio de Janeiro, pelo governo Imperial, representando uma grande conquista para o atendimento dos deficientes (MIRANDA, 2008).

Miranda relata que a educação para os deficientes visuais e auditivos teve uma prioridade, e os deficientes físicos em menor quantidade, já os deficientes mentais houve um silêncio absoluto. Portanto no Brasil a deficiência mental era considerada uma ameaça social, enquanto nos outros países havia uma preocupação em criar escolas, classes especiais, no nosso país estavam despreocupados com os deficientes mentais. Entre as década de 30 e 40 ocorreu várias mudanças no sistema de ensino, mas para eles a educação dos deficientes mentais não era um problema para ser resolvido, eles estavam preocupados com o ensino para as pessoas normais. Só em 1960 que foi criada a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais” (CADEME), que tinha como finalidade promover em todo território nacional o tratamento adequado aos deficientes mentais, assim foram aumentadas o número de classes especiais principalmente para os deficientes mentais em escolas públicas (MIRANDA, 2003).

Miranda (2003, p. 05) ainda diz que “[...] década de 60, ocorreu a maior expansão no número de escolas de ensino especial já vista no país. Em 1969, havia mais de 800 estabelecimentos de ensino especial para deficientes mentais [...]”, e ressalta também que na década de 70 “[...] no Brasil acontece ... a institucionalização da Educação Especial em termos de planejamento de políticas públicas com a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), em 1973 (2003, p. 05)”.

O autor Sasaki diz que a história da educação dos deficientes tem as fases da exclusão, segregação institucional, integração e inclusão. Na fase da exclusão eles não recebiam nenhum tipo de serviço, nem educacional, nem outros, eles eram apenas excluídos e rejeitados pela sociedade. Na fase da segregação institucional surgiram instituições especiais para o atendimento dessas pessoas, mas por parte da igreja, mas sem nenhum apoio do governo, eles começaram a observar que essas pessoas seriam uteis se caso recebessem escolarização e treinamento profissional. Na fase da integração, surgiu as classes especiais dentro das instituições, com intuito de separar os deficientes para eles não interferir no ensino, ou atrapalhar o professor

com os demais alunos. Na fase da inclusão os países mais desenvolvidos foram pioneiros na implantação de escolas inclusivas, nessa fase o objetivo é incluir todos as pessoas independente de suas diferenças, apoia também os professores, todo o corpo escolar para que se tenha sucesso no processo de inclusão (SASSAKI, 2006). No início da década de 90 ocorreu grandes discursos a respeito das conquistas que ocorreram na Constituição Federal de 1988, a partir daí, ocorreu diversas reformas no sistema educacional, trazendo uma onda de ações, com intuito de alcançar o acesso de todos a escola e a qualidade do ensino. O país veio sendo pressionado, a adotar políticas de educação inclusiva, para um país mais democrático, assim o final da década de 90 foi marcada pelo debate da inclusão escolar (MENDES, 2010).

Hoje o contexto atual é marcado pela inclusão, depois de tanto preconceito e exclusão, o deficiente está tentando conquistar seu espaço na sociedade, no Brasil a educação inclusiva tem uma boa legislação.

Silva (2016, p. 4):

- Constituição Federal de 1988 - Educação Especial
- Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN
- Lei nº 9394/96 – LDBN - Educação Especial
- Lei nº 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente - Educação Especial
- Lei nº 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente
- Lei nº 8859/94 - Estágio
- Lei nº 10.098/94 - Acessibilidade
- Lei nº 10.436/02 - Libras
- Lei nº 7.853/89 - CORDE - Apoio às pessoas portadoras de deficiência
- Lei n.º 8.899, de 29 de junho de 1994 - Passe Livre
- Lei nº 9424 de 24 de dezembro de 1996 - FUNDEF
- Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004 - Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência
- Lei nº 10.216 de 4 de junho de 2001 - Direitos e proteção às pessoas acometidas de transtorno mental
- Plano Nacional de Educação - Educação Especial

Outro marco importante foi a Conferência Mundial sobre Educação Especial, ocorrida em Salamanca, na Espanha, em 1994, para Silva (2010, p. 4) “[...] a grande promotora de mudanças no contexto mundial da educação inclusiva [...]”, a partir dessa obteve um grande progresso.

Silva (2010, p. 4) relata a importância deste documento:

Pode-se dizer que o conjunto de recomendações e propostas deste documento é norteado pelos princípios de: independente das diferenças individuais, a educação é direito de todos; toda criança que possui dificuldade de aprendizagem pode ser considerada com necessidades educativas especiais; a escola deve adaptar-se às especificidades dos alunos, e não os alunos as especificidades da escola; O ensino deve ser diversificado e realizado num espaço comum a todas as crianças. A opção pela escola inclusiva foi oficialmente assumida por diversos países através da Declaração.

A declaração defende a ideia de uma escola justa, onde todos os alunos possam aprender juntos independente das suas diferenças, e para aqueles que não se adequar a escola comum, ou a escola não satisfazer suas necessidades que lhe seja ofertado uma escola especial, a declaração chama atenção dos governantes a necessidade de maiores investimentos em escolas adequadas, com qualidade para receber essa diversidade de pessoas (MIRANDA, 2008).

Entendemos que os direcionamentos sobre as questões que envolvem a inclusão na escola, são pautadas em movimentos e políticas características de cada localidade. Assim, apresentamos a seguir, algumas características do trabalho realizado pela Prefeitura de Vitória-ES, localidade onde a pesquisa foi realizada. A Educação especial na grande Vitória conta com um trabalho diferenciado para os alunos deficientes, que tem como “objetivo subsidiar o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, nas ações cotidianas planejadas e desenvolvidas” (VITÓRIA, 2014). O público alvo são todos os alunos que apresentam algum tipo de deficiência.

Vitória, 2014:

É ofertado a esses alunos da rede pública municipal, tanto no horário regular quanto no contra turno escolar, o atendimento educacional especializado. Este trabalho é realizado por professores especializados em educação especial, que dentre outras ações docentes, organizam com os demais profissionais da escola, procedimentos didáticos pedagógicos diferenciados, atuando de forma articulada na organização do trabalho destinado a crianças, adolescentes, jovens e adultos matriculados nas diferentes Unidades de Ensino do município.

Além do professor de sala de aula, o aluno tem um professor especializado em educação especial que os atende todos os dias em um horário diferenciado, seja na sala de aula ou na sala da educação especial, as escolas possuem uma sala de recursos multifuncionais, e ainda o aluno conta com um estagiário que o acompanha durante toda a aula, auxiliando-o em todas as suas tarefas e atividades (VITÓRIA, 2014).

Mas pude observar no meu período de estagio que não são todos os alunos que tem estagiários para acompanhá-los, ou as vezes um estagiário acompanha mais de um

aluno, a demanda de alunos deficientes nas escolas esta grande e falta a secretaria de educação contratar mais estagiários para melhor atendê-los, de acordo com o site da prefeitura é direito de todos os atendimento “[...] O atendimento educacional especializado no contra turno é direito de todos os alunos sendo desenvolvido pelos professores especializados, com o objetivo de eliminar as barreiras e impedimentos socioculturais [...]” (VITÓRIA, 2014).

A prefeitura oferece também aos estudantes cegos o ensino do Braille, com o apoio de um professor especializado e com materiais adequados, com objetivo de incluir esses alunos ao meio escolar. Eles recebem apoio para se locomover no ambiente escolar, criando autonomia desse aluno (VITÓRIA, 2014).

Com a assistência que esses alunos recebem desses profissionais especializados, eles conseguem se locomover nos espaços públicos como padarias, parques, farmácias, onde aprendem usufruir dos seus sentidos humanos e também utilizam ferramentas tecnológicas como: bengalas, dentre outras. Dessa forma eles são estimulados a desenvolver suas habilidades sensoriais, atendendo suas necessidades e possibilitando sua inserção na sociedade (VITÓRIA, 2014).

Em algumas escolas são ofertados o ensino de LIBRAS para os alunos surdos, esses são alguns dos serviços ofertados pela Prefeitura de Vitória aos alunos deficientes.

Miranda (2008, p. 42) diz que:

[...] a inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade por meio de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, atingindo desse modo o próprio indivíduo que apresenta necessidades especiais.

Portanto, através da inclusão é possível que as pessoas comecem a ver os deficientes de forma diferente, respeitando as suas diferenças e quebrando preconceitos.

2.3 BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

O bullying é um fenômeno que vem acontecendo diariamente, principalmente no ambiente escolar sejam em escolas públicas ou privadas, onde são frequentados por diversos tipos de pessoas, com classes sociais diferentes, religiões diferentes, com opção sexual diferente, diferentes tradições, pessoas com diversas deficiências, a escola é um mundo de diversidade e um prato cheio para esses agressores.

O bullying não é um fenômeno novo, sempre existiu, só não era dado tanta importância como nos dias de hoje, pois não se tinha tanto conhecimento sobre a temática, pois compreendia-se como apenas um ato de brincadeira que ocorria entre os indivíduos, mas com o tempo foram percebendo a necessidade de estudar (NOVA ESCOLA, 2009) diz que “[...] o primeiro a relacionar a palavra a um fenômeno foi Dan Olweus [...] no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes [...] maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça [...]”, esse tipo de preconceito ocorre há muito tempo na nossa sociedade, e atualmente está sendo um problema social, o que falta são informações sobre o bullying, mas nem todo tipo de preconceito podemos classificar como bullying, Camargo (Brasil escola, 2007) conceitua o fenômeno como, “Bullying é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente [...]”, que traz várias consequências as vítimas.

Lopes, citado por Damke e Gonçalves classifica o bullying em três estilos: direto, indireto e cyberbullying. O direto é quando o agressor age diretamente, sem intermediários, apelida a vítima, ofende verbalmente e fisicamente, persegue, agride, intimida. O indireto ele age disfarçadamente, age com indiferença, isola, faz fofocas para desvalorizar a vítima. O cyberbullying eles usam a internet, aplicativos, redes sociais para fazer e espalhar fofocas a respeito da pessoa, para ela ser motivo de chacota, de zoeira, de humilhação e difamação (DAMKE, GONÇALVES, 200-?).

Na atualidade devido ao avanço da tecnologia, e a presença cada vez maior dos jovens usando a internet, redes sociais e aplicativos, um fator preocupante é o cyberbullying com esse avanço as informações se espalham muito rápido, os adolescentes tiram fotos com seus celulares de última geração, podem fazer vídeos e montagens e usa isso para difamar a vítima, postando e espalhando em redes sociais e aplicativos.

Normalmente as mulheres praticam o bullying diferente dos homens, elas ofendem e difamam a reputação da vítima através de fofocas com os grupos de amigas, espalhando boatos maliciosos e mentirosos sobre a vítima, exclui a vítima do círculos de amizades, já os homens agem mais por agressões físicas (GOMES; OLIVEIRA, 2012).

Portanto para Fante (2008, p. 11):

Alguns fatores propiciam o bullying, sua banalização e legitimação: atitudes culturais, como desrespeito, a intolerância, a desconsideração ao diferente; a hierarquização nas relações de poder estabelecidas em detrimento da fraqueza de outros; o desejo de popularidade e manutenção do status a qualquer preço; a reprodução do comportamento abusivo como uma dinâmica psicossocial expansiva; a falta de habilidades de defesa, a submissão a passividade, o silêncio e sofrimento das vítimas; a convivência daqueles que assistem e o incentivo às ações cada vez mais cruéis e desumanizantes; a violência doméstica, a ausência de limites, a permissividade familiar, a falta de exemplos positivos; a omissão, o despreparo, a falta de interesse e comprometimentos de muitos profissionais e instituições escolares; a impunidade, o descaso e a falta de investimentos e políticas públicas voltadas à educação e à saúde para o tratamento e a prevenção, dentre outros.

Esses agressores são chamados de bullies, são pessoas que já vem de ambientes disfuncionais, crianças que vem de famílias desestruturadas, que são rejeitadas, que já sofreram algum tipo de violência durante seu desenvolvimento, ou que já sofreram bullying, até mesmo o contexto social que ela está inserida influenciam, como desigualdades social, pobreza e violência, com isso eles sentem vontade de fazer o mesmo com outras pessoas, pois ela traz consigo ideias, pensamentos e ações próprias da cultura que a envolve (GOMES; OLIVEIRA,2012).

Segundo Oliveira e Gomes (2012, p. 07):

Os bullies são extremantes perspicazes, no reconhecimento das suas vítimas. Escolhem pessoas que são ou estão fragilizadas por algum motivo ou que têm características diferentes do grupo. Outras que são tímidas, retraídas, passivas, submissas, com dificuldades de defesa, de expressão e de relacionamento, crianças com necessidades educativas especiais, pessoas obesas, magras demais, negras, que usam óculos, com orientação sexual diferente, etc. São muito habilidosos no ato de intimidação, sabendo reconhecer o calcanhar de Aquiles de cada uma das suas vítimas. São especialistas em nos confundir, pois são encantadores em um minuto e nos atacam no próximo. São tão poderosos porque atacam diretamente o nosso ser.

Segundo Moz e Zawadski citado por Oliveira e Gomes (2012, p. 7), “Os bullies dependem do nosso medo, de nossa impotência e de nosso silêncio para continuar com seu comportamento, e o terrorismo nunca poderá ser eficaz a menos que vivamos amedrontados, impotentes e paralisados”.

Mas como as vítimas do bullying normalmente são pessoas fragilizadas, que não conseguem se defender, que não expõe o que está acontecendo a escola nem a mesmo a sua família elas viram reféns desses bullies pois tem medo de represália, suportando os abusos calados, com isso trazendo consequências irreparáveis em suas vidas (GOMES; OLIVEIRA, 2012).

São inúmeras as consequências do bullying na vida dessas pessoas, interferindo no seu desenvolvimento num todo, a vítima se isola, não interage com os colegas na escola, se sente inferior as outras pessoas, tem um autoestima muito baixo, não sente vontade de ir à escola, alguns saem até da escola como forma de refúgio, as crianças apresentam diversos sintomas como dores de cabeça, tontura, diarreia, entre outros.

Segundo Oliveira e Gomes (2012, p. 8) “Estes sintomas aparecem normalmente em horários próximos de ir para à escola, como tentativas inconscientes de se proteger do bullying [...]”, fazendo com que a criança se torna uma criança triste sem vontade de viver.

Fante (2008, p. 10) coloca que:

O bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, a dificuldade de integração social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas.

Portanto o bullying é um problema social que precisa ser pensado estratégias de prevenção e intervenção, não é só papel da escola o combate ao bullying, é preciso parceria junto a família, os professores e toda a comunidade que envolve esses alunos, para Oliveira e Gomes (2010, p. 10) “[...] não é uma discussão muito fácil, pois a maior parte dos educadores não consegue perceber também a vitimez do bully, até porque muitas vezes o próprio professor é vítima dos bullies”.

Com tudo é preciso preparar esses professores e os demais profissionais da educação para saber lidar com essas situações. Para Oliveira e Gomes (2010, p. 10) “A escola precisa articular políticas de prevenção e de intervenção de uma forma consciente [...] para que quando ocorram casos graves de bullying na escola, todos estejam preparados [...]”.

Nesse sentido é importante a escola junto com os professores discutir sobre o tema com os alunos, quando se discute eles tem uma compreensão melhor dos danos que isso pode causar, e também podemos perceber que muitos desses alunos já sofreram bullying em alguma momenta da vida, inclusive os próprios bullies, e relatam as experiências que viveram. Este Tipo de discussão gera um ambiente saudável, sentimentos de empatia, muitos desse alunos não tiveram uma vida de vínculos

saudáveis durante sua formação, por isso não tem essa capacidade de empatia (OLIVEIRA; GOMES, 2010).

Portanto é preciso criar vínculos entre os alunos e também com os professores, e na escola podemos fazer isso através dos jogos, aulas de dança, gincanas dentre outras atividades, com a participação dos professores, tornando o ambiente harmonioso, Oliveira e Gomes (2010, p. 11) relata que “[...] o bullying tende a desaparecer em ambientes onde haja um clima afetivo e de confiança entre as pessoas e os professores têm uma responsabilidade muito grande na formação deste ambiente”.

Cléo Fante desenvolveu um programa antibullying Educar para a paz implantado na Escola Municipal Luiz Jacob, na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo, no período de junho de 2002 a julho de 2004, com o objetivo de Promover a inclusão e a integração dos alunos às dimensões da paz pessoal, com o outro e com o meio ambiente, orientados pelo princípio da cooperação, da solidariedade, da tolerância e do respeito às diferenças, onde os resultados foram positivos. Então trabalhar com a cultura de paz, afetividade, de respeito e diversidade, e mostrar para os alunos que somos diferentes, aumenta o respeito entre eles, construindo assim um ambiente de sentimentos positivos (NEEPDH, 2013).

2.3.1 Bullying com crianças deficientes

Apesar do contexto de inclusão no ambiente escolar que vivemos na atualidade, o bullying ainda assim acontece na escola, e as crianças deficientes sofrem com o preconceito e discriminação, na medida em que são alunos com limitações, desde físicas a mentais, por fugirem do padrão que a sociedade impõe, logo, um alvo fácil e frágil para esses agressores.

Devido ao comportamento que as pessoas com deficiência apresentam no convívio escolar, as suas diferenças, suas atitudes em relação aos outros, elas acabam sendo vítimas de bullying. Suas características, aparência diferenciadas, devido eles não ter muitos amigos, sempre estar sozinhos, não interagir com facilidade, isso tudo é motivo deles serem discriminados no contexto escolar (VIEIRA, 2013).

Portanto os alunos deficientes tem suas limitações, tem momentos que querem ficar sozinhos, apresentam dificuldades nas aulas práticas de Educação Física,

apresentam dificuldades nas tarefas em sala de aula, e com isso é motivo de ser discriminado, de ser desrespeitado, e isso só o afasta ainda mais das relações com os colegas, por que ao invés dos colegas o acolher, eles só fazem com que esses alunos se afastam. Com isso os buliies aproveitam essas diferenças para os atacarem, os excluïrem, fazendo com que eles se sintam rejeitados.

Muitos dessas pessoas recebem superproteção por parte da família, dos colegas, dos professores, pelo fato de serem deficientes, e isso não é bom, os enfraquece, impedindo que eles não constroem mecanismos de defesa para se defender e viver em sociedade. Devemos trata-los como tratamos os demais, para eles não se sentirem inferiores, e mostrar para os outros que apesar das suas limitações eles são capazes, que conseguem fazer as atividades, brincar, e conviver com todos.

Para Arroio, Batista e Zanuncini citado por Dias e Pingoello (2016, p. 49):

Os alunos com necessidades educacionais especiais precisam, além de enfrentar a superação de suas próprias limitações e dificuldades decorrentes de sua deficiência, ainda superar a violência escolar, discriminação e preconceito das outras pessoas que não o consideram capacitados ou até mesmo competentes para frequentar o ensino regular, essas ações levam ao isolamento e exclusão dessas pessoas das relações sociais. A consequência mais nociva do preconceito e da discriminação é a exclusão, pois prejudica uma das finalidades sociais que devem acontecer por meio da educação, a ascensão social.

Portanto quando tem um aluno deficiente em sala de aula pode gerar inquietação, implicância, incomodo, por parte dos outros alunos, por que o diferente incomoda, e o aluno deficiente por já ter um auto estima baixo, por se sentir excluïdo pelos demais, ele se isola, muitas vezes não sente vontade de ir à escola e acaba saindo, isso também afeta suas tarefas diárias no seu dia a dia.

Para Arroio, Batista e Zanuncini citado Dias e Pingoello (2016, p. 50):

Essas atitudes não permitem que o indivíduo desfrute da interação social, prejudicando-a dentro e fora da escola, esta interação deve ser trabalhada na sala de aula com os outros alunos e principalmente com a criança com necessidades educacionais especiais, para que este perceba os seus direitos e os reclame, se necessário, de forma com que aceite suas diferenças e consiga enfrentar as dificuldades. É preciso, primeiramente, que o professor procure se informar sobre a deficiência e as limitações que está provoca em seu aluno, as capacidades que ele pode desenvolver, entre outros aspectos, para então transmitir aos outros alunos, com autorização do aluno com necessidades educacionais especiais, para que possam compreender e aceitar as diferenças.

Em uma experiência de estagio com crianças deficientes pude perceber a rejeição dos alunos com alguns alunos deficientes, observei que normalmente alguns deles estão mais sozinhos, interagem pouco com outros alunos, eles não tem muitos

amigos, e algumas vezes eles estão pelos cantos quietos, raramente é visto outro aluno chegando perto ao menos pra conversar, ou chamá-los para brincar. É lamentável em uma sociedade que somos diferentes em todos os aspectos ter que presenciar essas situações.

A interação desses alunos com outras crianças é muito importante para seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo por que eles aprendem através das relações humanas, é importante também que o professor junto com toda equipe da escola informe a turma a deficiência desses alunos, suas dificuldades, suas limitações, a informação gera uma compreensão melhor, acabando com o preconceito, gerando mais respeito as diferenças.

Portanto para Arroio, Batista e Zanuncini citado Dias e Pingoello (2016, p. 50):

A valorização da diversidade é um dos elementos de base da educação inclusiva, cuja primazia está no respeito às diferenças do outro e o estímulo ao trabalho cooperativo na escola. Para efetividade da inclusão, é preciso que esse processo atinja toda a sociedade, com propostas efetivas de formação em relação ao reconhecimento das diferenças como um elemento importante do processo ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, é importante trabalhar sobre a temática na escola, e nas aulas de educação física é possível através de seus conteúdos que contempla o trabalho em equipe, a cooperação de um ajudar o outro, e também a própria superação dos sujeitos a cada experiência vivida.

2.4 INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular tem sido cada vez mais discutida, e a Educação Física como componente curricular e pedagógico obrigatório nas escolas, faz parte desse processo de inclusão.

Ao ler alguns artigos sobre inclusão nas aulas de educação física pude observar alguns pontos importantes sobre o tema.

Em uma pesquisa realizada em São Paulo, com professores do Ensino Fundamental, foram encontradas várias dificuldades para o processo de inclusão na área da educação física. Foram encontrados dificuldades em relação a formação acadêmica, o não oferecimento da disciplina, foco mais na área da saúde que da educação, dificuldades encontradas também na questão administrativo escolar, o professor não

era avisado sobre a matrícula do aluno deficiente, nem qual era sua deficiência dificultando assim o seu trabalho, o espaço físico da escola não colabora para as aulas, dificuldades do próprio aluno, pois muitas vezes são alunos faltosos, não querem participar, e tinham dificuldade de compreender e entender as atividades, muitos alunos não possuem laudos, muitas vezes a família não aceita a deficiência do aluno, alguns pais proíbem os filhos de participar das aulas, dificuldades atribuídas aos recursos pedagógicos, não há recursos específicos para alunos com deficiência, não tinha materiais variados para cada tipo de deficiência, dificuldades nas estratégias de ensino, como elaborar um plano de aula para uma turma que tem alunos com e sem deficiência (FIORINI; MANZINI, 2014).

Portanto para cada dificuldade encontrada, também foram encontradas estratégias e soluções, como: a formação continuada dos professores, cursos na área da inclusão, esclarecer as características de cada deficiência para assim o professor compreender e criar estratégias de ensino, estimular os alunos a participarem das aulas, criar uma parceria com a família, compra de recursos necessários para as aulas, planejar a aula e identificar as dificuldades encontradas para assim melhorar, identificar na literatura o conteúdo adequado para os alunos, dentre outras (FIORINI; MANZINI, 2014).

Em outro artigo pesquisado encontrei alguns relatos de experiências de professores de educação física com alunos deficientes em suas aulas.

Falkenbach e outros (2007, p. 45):

- Minha experiência com essas crianças foi pouca. Foi com uma menina que tem hidrocefalia e outros comprometimentos. Ela participava eventualmente em algumas atividades de sensibilização. (Ent. n.5 em 25/11/2005)
- Minhas experiências com crianças com necessidades especiais na educação física é restrita, sempre foram boas, tenho carinho pelas crianças, o problema era que a participação em aula desses era rara. (Ent. n.6 em 29/11/2005)
- Tive momentos difíceis com o menino com deficiência mental, ele não respondia nenhuma atividade proposta. Esse menino se excluía da aula e tinha vezes que sumia. A turma brincava na praça e eu tinha que deixar a turma para ir atrás dele (Ent. n.6 em 29/11/2005)
- A minha relação com o menino com síndrome de Down é tranquila, gosto dele. Tenho que estar sempre atenta, porque a todo o momento ele faz alguma coisa errada. É a primeira vez que tenho experiência com crianças com necessidades especiais. É positivo, pois ele supera as expectativas, enfrenta os obstáculos como, por exemplo: cambalhotas que envolve coordenação, que eu penso que ele não conseguiria fazer. A única coisa que eu acho negativa é o fato de agredir os coleguinhas. (Ent. n.9 em 30/11/2005).

Cada professor com sua experiência, porém os problemas são os mesmos, os alunos deficientes são faltosos e isso atrapalha no processo de inclusão, quando o aluno começa se adaptar, ele falta, e quando volta à escola temos as mesmas dificuldades. Em uma vivência de estágio com crianças deficientes, pude observar que quando o aluno é faltoso isso atrapalha no desenvolvimento, pois quando o aluno começa a absorver o conteúdo, ele falta e quando volta esquece o que tinha absorvido.

Durante uma outra pesquisa em uma escola foi possível observar um aluno cadeirante que não participava das aulas de educação física, observaram que o acesso a quadra não era seguro para a cadeira de rodas, a quadra era descoberta e aula era as 15hs, então a temperatura estava elevada, dificultando a participação desse aluno (SOUZA; BOATO, 2009).

Então mesmo em meio a esse contexto de inclusão, os professores encontram muitos obstáculos pelo caminho no processo de inclusão. Souza e Boato (2009, p. 8) diz que “[...] a inclusão não é só por mais um na sala de aula, e sim dar condições para que ele se sinta como membro da classe [...]”.

Então a educação física auxilia na construção da educação inclusiva, por ser uma disciplina mais inflexível, comparada os outros componentes do currículo, a imagem criativa dos professores é um ponto positivo, e por ser uma disciplina que tem a capacidade da participação de todos independente das suas diferenças, levando uma satisfação para cada um (MORAES, 2010).

Portanto na proposta de uma Educação Física inclusiva, a atuação do professor é primordial, os objetivos são os mesmos de uma aula para alunos sem deficiência, o que muda são as estratégias para alcançar os objetivos, criar situações para a cooperação, através dos jogos cooperativos, dentre outros, para criar uma ética da cooperação (MORAES, 2010).

A Educação Física é uma disciplina que oportuniza através dos seus conteúdos como: os jogos, as brincadeiras, as lutas, ginástica, as danças, os esportes, que incentivam a interação entre os alunos, o trabalho em equipe, o respeito as diferenças, respeito as regras, incentiva a cooperação, desde que o professor junto com os alunos crie estratégias para alcançar seus objetivos.

Portanto para Soler citado Moraes (2010, p. 115):

Criando novos jogos, ou seja, jogos em que todos possam vencer, independentemente de suas habilidades, estaremos transformando a vida além-jogo. Só assim, quem tem pouca habilidade motora, por exemplo, pode estar sempre participando e sendo capacitado em suas dificuldades.

Portanto é fundamental o aluno deficiente interagir com o aluno sem deficiência, é importante essa troca de experiência, através dessas relações o aluno deficiente aprende, e o aluno sem deficiência também, aprende a respeitar as diferenças. É importante a mediação do professor nesse processo, para assim tratar as diferenças e adotar a melhor metodologia em suas aulas.

Para Costa e Bittar citado por Moraes (2010, p. 116) “o planejamento da aula de Educação Física deverá ser cuidadoso e imprescindível, levando em consideração aspectos gerais e específicos”:

A aula de educação física numa perspectiva de inclusão deve buscar como ideia principal o estímulo e o trabalho das duas partes, o portador de necessidades especiais e a comunidade escolar (alunos, professores, administração, pais, etc.), propiciando mútuo conhecimento para que juntos busquem meios para conviver e solucionar suas necessidades individuais e coletivas [...] - Um projeto de inclusão, em uma aula de educação física, é uma ação coletiva de convivência, na perspectiva do atendimento e do respeito aos direitos de todos os envolvidos. - A potencialidade e a limitação são características comuns a toda criança, independentemente de apresentar deficiência ou não.

Portanto para uma Educação Física inclusiva é necessário a integração de toda comunidade escolar, pois é preciso caminhar juntos para uma construção segura, pois só o professor de Educação física não dá conta, é preciso que a família a comunidade também participe desse processo de inclusão.

Araújo, Almeida e Silva citado por Moraes (2010, p. 117) destaca alguns aspectos que esta deva oportunizar:

1. Condições para que as pessoas em condição de deficiência se engajem naturalmente, sem constrangimento e,
- 1.2. Ao mesmo tempo, prepara aqueles sem uma real condição de deficiência para além de estar com o outro em condição de deficiência, compreendê-lo com seu semelhante mesmo e apesar da diferença;
- 1.3. Aprendizagem de novos movimentos, sentindo, interpretando e tendo consciência que seu movimento embora parecido com o do outro, é único, porque é representativo da sua individualidade;
- 1.4. Interação com novas pessoas - em condição de deficiência ou não e neste sentido, sempre que necessário, buscar sensibilizar o grupo [...];
- 1.5. Além de criar possibilidades para a construção de uma imagem corporal que leve em conta o corpo real através do contato com este corpo, percebendo suas sensações [...];
- 1.6. Contudo, é importante compreender que independente das limitações impostas pela deficiência, essas pessoas podem desenvolver inúmeras

potencialidades, necessitando apenas vivenciar experiências que muito provavelmente ainda não o fizeram.

Contudo a Educação Física exerce um papel importante no desenvolvimento das crianças, através dos esportes, lutas, danças, ginastica trabalhando a integração social dos alunos, afetivo, cognitivo, promoção da saúde, estimula a satisfação, alegria e motivação dos alunos possibilitando assim o aluno com deficiência a compreensão de seus limites e capacidades. Por isso é importante trabalhar com a inclusão nas aulas de educação física, mostrar para os alunos ditos “normais” que o aluno com deficiência é capaz de fazer e aprender mesmo com suas dificuldades. Cabe ao professor de educação física, junto com as pessoas que envolvem o contexto escolar, familiares, e a comunidade, ser mediador da inclusão, incentivando o respeito as diferenças, e a interação com o outro, com o objetivo de aprendizagem e a pratica pedagógica (SILVA, 2013).

Para Chicon (2008, p. 28):

[...] entendemos que incluir na Educação Física não é simplesmente adaptar essa disciplina escolar para que uma pessoa com NEE possa participar da aula, mas é adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos valorizem a diversidade humana e que esteja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva.

Portanto mesmo em meio a tantos desafios que o professores de Educação Física encontram no seu dia a dia, no processo de inclusão dos alunos deficientes, e os demais que também são excluídos, como os gordos, os magros, os menos habilidosos, é possível encontrar estratégias e soluções no processo de ensino aprendizagem, para uma sociedade mais igualitária. É preciso mostrar para a sociedade que vivemos num mundo em que a uma diversidade de pessoas, que podemos viver em harmonia desde que haja respeito ao próximo. É preciso também que o professor se atualize através da formação continuada, buscando novas ideias para sua aula, assim ofertar novas vivências e experiências a esses alunos.

3 METODOLOGIA

Para realização dessa pesquisa, foi realizada uma abordagem de pesquisa qualitativa, que é uma abordagem que se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um determinado assunto, buscando explicar o porquê das coisas, informando o que tem que ser feito, cujo seus resultados não podem ser traduzidos em números (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) diz que:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores [...]

Portanto essa pesquisa foi do tipo exploratória, que para Gil (2008, p. 27), ela tem em vista estimular estudos futuros “[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer, e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Essa pesquisa proporciona mais informações sobre o assunto que será investigado, descobrindo um novo enfoque para o assunto, envolvendo entrevistas com pessoas que entende do assunto da pesquisa, pode ser feito análises de exemplos que estimulem a compreensão da pesquisa e levantamento bibliográfico (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Desse modo, através da nossa pesquisa descobrimos novas informações sobre o assunto, esclarecendo indagações, no qual os professores de educação física poderão propor novas ideias para ser desenvolvidos em suas aulas.

O método de pesquisa desse trabalho foi uma pesquisa de campo, Prodanov e Freitas (2013, p. 59) define como “[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar [...]”.

Com tudo, a partir da pesquisa realizada descrevemos a relação existente de preconceito e bullying envolvendo alunos com e sem deficiência e como isso acontece

nas escolas pesquisadas, especificamente nas aulas de educação física, analisamos de forma a possibilitar reflexão desse contexto no campo da educação física, compreendendo nossa visão acerca da realidade encontrada.

Primeiro foi feito um estudo com assuntos sobre o tema, para compreendermos como anda atualmente, colhemos informações importantes através de trabalhos já feitos, logo após foi realizada a pesquisa de campo, no qual fomos a escola e colhemos todos os dados necessários.

Para isso os instrumentos que utilizamos para a coleta de dados foram questionários para os alunos e entrevistas semiestruturadas com professor de educação física e pedagogo.

O questionário tem suas vantagens pois é de fácil aplicação, podemos aplica-lo a um número grande de pessoas, mantendo seu anonimato, e como são muitos alunos, optamos por ele, assim pudemos coletar todas as informações necessárias através de um método rápido. Severino (2015, p. 125) define o questionário como “Conjuntos de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos [...]”.

As questões devem ser bem claras, objetivas e bem formuladas, evitando que os sujeitos fiquem com dúvidas e compreendam de modo a terem respostas objetivas. As questões pode ser fechadas ou abertas, as fechadas o pesquisador que define as respostas, as abertas o sujeito expõe sua opinião sobre o assunto com suas palavras (SEVERINO, 2015).

Sobre entrevista Severino (2015, p. 124) diz que através dela “[...] o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”, sobre o assunto a ser entrevistado. A entrevista semiestruturada tem um caráter mais aberto, no qual o entrevistado responde a partir de suas concepções, mas não fugindo do assunto.

Para Marconi e Lakatos (2015, p. 82):

O entrevistado tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

Através desse tipo de entrevista, acredito que o entrevistador e entrevistado fica mais aberto ao diálogo, expondo de uma maneira espontânea suas opiniões, possibilitando que surjam outras questões no decorrer da entrevista, mas não fugindo do tema. O objetivo da entrevista foi para saber como o professor trabalha as questões de preconceito e bullying em suas aulas.

A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola pública de Vitória-ES, com o intuito de analisar as questões de preconceito e bullying. Essa pesquisa tomou proporção devido as minhas vivencias de estágio em escolas públicas no município de Vitória, na qual é desenvolvido trabalho com crianças deficientes, onde pude identificar caso de preconceito e bullying, e também pude observar a existência da rejeição de alguns alunos com uma aluna deficiente durante as atividades nas aulas de educação física.

Identifiquei a escola pesquisada como A. Na escola foi entrevistado uma professora de educação física, na qual trabalha com todas as turmas do ensino fundamental, uma pedagoga, foi colhido um relato de uma estagiária que acompanha uma aluna deficiente e foi aplicado questionários para três turmas, sendo um total de 46 alunos, uma do 3º ano e foi aplicado para 18 alunos, duas do 5º ano e foi aplicado o questionário para 14 alunos de cada turma, sendo 5º A e 5ºB, ambas possuem alunos deficientes. O questionário aplicado aos alunos está na apêndice A, o roteiro de entrevista semiestruturada feita a professora encontra-se na apêndice B, e da pedagoga encontra-se na apêndice C e o relato da estagiaria na apêndice D. O termo de consentimento livre e esclarecido que foi utilizado para realizar as entrevistas encontra-se no anexo A.

O critério para escolha das escolas públicas para pesquisa, foi por que reconhecidamente elas possuem um tempo maior em desenvolvimento de políticas inclusivistas, e teoricamente possuem políticas educacionais mais avançadas, e são as que mais recebem alunos deficientes na atualidade, e essas características atendeu o perfil da pesquisa. E as entrevistas foram feitas com os professores de educação física pelo fato da pesquisa ser no campo da educação física, e por que a educação física é uma disciplina onde há uma interação maior entre os sujeitos na escola, através dos esportes, dos jogos e brincadeiras, e com o pedagogo pois ele que desenvolve os projetos educacionais da escola podendo assim ser importantes para o combate ao preconceito e bullying, assim poderia nos responder se na escola

há algum projeto sobre o tema, e o questionário foi aplicado especificamente na turma do 3º e 5º ano pelo fato delas possuir alunos deficientes e já ter ocorrido algumas situações de preconceito. Esses critérios não foram considerados como de inclusão ou exclusão, apenas atenderam as características da pesquisa.

Agimos com rigor, ética e seriedade em todo processo para a construção da pesquisa, buscando autorização dos sujeitos que foram entrevistados, no qual se sentissem constrangidos em algum momento podiam deixar de responder alguma pergunta, sem prejuízos a pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Nesse capítulo, vamos analisar e discutir os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas à professora de educação física e a pedagoga, e o questionário que foi aplicado aos alunos a fim de compreender as questões do preconceito e do bullying nessa escola, especificamente nas aulas de educação física dos alunos do ensino fundamental I, com as turmas do 3º e 5º ano. Assim, através desses dados obtidos respondemos os respectivos objetivos específicos que foram traçados, a fim de trazer novas inquietações sobre o tema.

A escola utilizada para a pesquisa é uma escola do município de Vitória, onde já trabalho como estagiaria há um ano e meio, e as minhas impressões durante esse tempo é que reforçaram a minha intenção de fazer a pesquisa. É uma escola de porte pequeno, possui 9 salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, refeitório, e para as aulas de educação possui um pátio pequeno coberto, e um pátio do lado de fora que é descoberto, onde também é utilizado como estacionamento pelos funcionários, assim alunos e funcionários dividem esse espaço. Possui uma sala para atendimento aos alunos deficientes, que é um espaço novo, pois até uns 3 anos atrás não existia, esse espaço foi improvisado pela direção da escola, pois como não tinha mais sala disponível ele improvisou esse espaço que estava vago, assim reformou e se tornou a sala dos alunos com deficiência. É um espaço pequeno, não possui muitos recursos para as aulas, nem materiais, ela foi reformada esse ano de 2017, e deu uma aparência melhor, também foi disponibilizado um computador para a professora utilizar nas aulas, porém ainda falta muitos recursos para ser utilizados, para um ensino adequado a esses alunos.

Não é uma escola acessível para pessoas com deficiência, desde o espaço entorno da escola, que para ter acesso sobe e desce uma ladeira até chegar a entrada principal, não possui calçada acessível, e o espaço físico dentro da escola também não é acessível, tanto que a escola não recebe aluno com deficiência física e visual. A pesquisa foi realizada no turno matutino e nesse turno possui 5 alunos com deficiência, todos do ensino fundamental I.

A professora entrevistada possui formação em educação física pela Universidade Federal do Espírito Santo, concluído em 2009/2, ela trabalha nessa escola há 3 anos, a pedagoga possui formação em pedagogia pela Universidade Federal do Espírito

Santo, concluído em 2008/1, e trabalha nessa escola há 4 anos, e a estagiária cursa História na Universidade Federal do Espírito Santo, trabalha na escola há 1 ano como monitora de uma aluna deficiente.

Assim destacamos como pontos fundamentais para essa análise a compreensão dos participantes da pesquisa sobre preconceito e bullying, a professora de educação física nos diz que “preconceito é um sentimento que você cria antes de conhecer, de saber realmente o que é aquela situação ou aquela pessoa, é algo que você cria antes”, ao falar de bullying ela nos diz que “são atitudes de desrespeito, de agressão verbal, ou então agressão física [...] as vezes até como uma brincadeira na cabeça deles, mas pra quem está sofrendo aquela agressão pode trazer consequências”. Podemos perceber que a professora entende o conceito de preconceito e bullying e nos mostrou clareza em suas palavras.

Já a pedagoga ela não nos disse com clareza sobre o conceito, mas durante a entrevista percebi que ela tem um conhecimento sobre o assunto, então para ela preconceito e bullying:

É tudo aquilo que a gente fere o outro em relação ao que é diferente, não é nem diferente, eles costumam dizer que é a minoria [...] então está precisando das pessoas respeitar a diferença tanto da pessoa deficiente, dos negros [...] o que está faltando na gente é tolerância e respeito as diferenças, as minorias (PEDAGOGA).

A autora Silva (2006, p. 430) diz que “[...] O sentimento que mais se manifesta nos tempos atuais é a tolerância como limite do aceitável, quando já poderíamos no manifestar com solidariedade em relação ao diferente, por ser a diferença a essência de todos nós [...]”, então assim como a pedagoga diz que temos que ser mais toleráveis as diferenças, pois somos diferentes em todos os aspectos, a autora ainda destaca que “A tolerância vem sendo afirmada como um princípio instaurador para a convivência entre as pessoas diferentes [...]”, Silva (2006, p. 430). Assim se as pessoas tiverem mais tolerância em aceitar as diferenças os preconceitos tende a serem quebrados.

Já os alunos, ao responderem a primeira questão do questionário que perguntava se eles sabiam o que era preconceito, 78% responderam que sim, já a segunda questão que perguntava se eles sabiam o que era bullying 91% disseram que sim, porem ao responder o que eles sabiam sobre preconceito, as respostas foram muito variadas, como pode ser visto nas falas de alguns alunos:

- *Preconceito é chamar a outra pessoa de preta, gorda essas coisas.*
- *Racismo.*
- *É não aceitar o amigo como ele é.*
- *Chamar os outros de burro.*
- *Preconceito é uma pessoa não aceitar o que a outra é.*
- *É xingar o colega de orelhudo.*
- *Preconceito é chamar as pessoas de cabelo de pico, xingar as pessoas.*
- *Você criticar uma pessoa pelo que ela não é, ou pelo racismo.*
- *Xingar, chamar de baleia.*
- *Falar mal das pessoas.*
- *É você ficar humilhando a pessoa (ALUNOS).*

Ao responder o que era bullying tivemos respostas variadas também, como pode ser visto na fala de alguns alunos:

- *Colocar apelidos nos amigos tipo gorda, baleia.*
- *É a pessoa fazer comentários inadequados.*
- *Bullying é bater, chutar, colocar apelidos, xingar e abuso sexual.*
- *Bullying é uma forma que as pessoas acharam pra discriminar.*
- *Bullying é você fazer brincadeira de mau gosto com o colega.*
- *São pessoas que se acham valentões e batem nas pessoas.*
- *Bullying é chamar de burro, macaco.*
- *É uma atitude de mal gosto, chamar as pessoas do que elas não são.*
- *É chamar as pessoas de feia.*
- *Bullying é chamar as pessoas de preto, macaco, zuar das pessoas na escola, na rua e em vários lugares.*
- *É a mesma coisa que preconceito (ALUNOS).*

Ao analisar as diferenças nas respostas das turmas, tivemos que a turma do 3º ano entendem preconceito e bullying mais como apelidos maldosos, chamar os colegas de “baleia, burro, orelhudo, feio, piolhenta, cabelo de pico, preto”. Já as turmas do 5º ano 50% da turma entende preconceito e bullying mais para o sentido de preconceito racial, chamar os colegas de “preto”, “macaco”.

Vamos destacar algumas respostas dos alunos do 5º ano, onde eles compreendem que preconceito e bullying está relacionado ao preconceito racial, chamar de preto e de negro.

- *Preconceito é chamar o outro de preto.*
- *Preconceito é você falar que a pessoa é macaca e pretinha se ela for negra e etc.*
- *É tipo fazer um bullying você está jogando futebol e a professora vai e chama um negro e você sai do time por que ele é negro isso é preconceito.*
- *Preconceito é quando alguém te chama de preto.*
- *Preconceito é uma pessoa branca chamar a outra pessoa de negra.*
- *É ficar chamando a pessoa negra de carvão, tição, você é da cor do asfalto.*
- *Racismo.*
- *Preconceito é uma pessoa chamar a outra de negro (ALUNOS).*

Portanto de acordo com dados coletados, de uma forma geral, a professora e a pedagoga possuem um entendimento razoável do que é preconceito e bullying perante aos alunos com deficiência, comparando com a literatura, e já os alunos não nos mostrou esse entendimento

Nesse sentido as respostas da professora sobre preconceito e bullying se encaminham para um entendimento que a autora Silva tem sobre bullying, para Silva (2010, p. 21) “[...] bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um agressor contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender [...]”. E para um entendimento que a autora Oliveira tem de preconceito, onde Oliveira (2017, p.134) diz que “[...] um conceito formado de forma anterior ou antecedente à constatação dos fatos, utilizando-se de características julgadas corretas, sendo estas atribuídas a todos que se encaixam a determinado desígnio social”.

Percebemos então que a fala da professora se mostra comum ao que a literatura normalmente apresenta, nos dando a entender que a mesma tem conhecimento sobre a temática, apesar da fala da pedagoga estar diferente do que a literatura nos traz durante a entrevista pude perceber que ela tem conhecimento sobre o assunto, pois me passou confiança e clareza ao responder. Já com as respostas do questionário dos alunos foi possível verificar que eles não sabem diferenciar preconceito e bullying, que compreendem pouco sobre a temática, mas que sabem que ambas está relacionada a desrespeito, bater, xingar, maltratar, etc.

Com as respostas dos alunos do 3º ano, nos permitiu concluir que eles compreendem preconceito e bullying como qualquer brincadeira de mau gosto com o colega, e a maioria dos alunos do 5º ano compreendem que preconceito é só o racial, é chamar o colega de preto. Acredito que o nosso passado histórico da época da escravidão ainda continua enraizado em nossa sociedade, onde os negros eram escravizados e maltratados, e que só serviam para trabalhos duros e serviços pesados, assim deixaram sequelas até os dias atuais. Para o autor Rodrigues (MUNDO EDUCAÇÃO, 2016) “[...] o preconceito racial é o mais comum e o mais problemático em suas consequências. Uma delas é a segregação racial ou o racismo, que também está intimamente ligada a problemas sociais como a desigualdade, violência e a pobreza”. Talvez seja por isso que outro tipos de preconceito ocorram na escola e os alunos não consigam associar e dar o mesmo grau de importância, a situações de preconceito à

pessoas com deficiência por exemplo, pois os alunos possivelmente não tem conhecimento, não sabem diferenciar, e assim, as vezes, praticam algo com o colega achando que é uma brincadeira, sem saber da gravidade que isso pode causar na vida de quem sofre essa violência.

Os diversos tipos de preconceito que existem em nossa sociedade, podem ser conceituados como: preconceito racial, preconceito social, etnocentrismo, sexismo, machismo, preconceito linguístico, transfobia, heterossexismo, xenofobia, e através desses preconceitos já existentes ocorre o bullying (OLIVEIRA, 2017).

Sobre os diversos tipos de bullying podemos classifica-lo como direto e indireto, e podem ser praticado de diversas formas, como: verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual, virtual ou cyberbullying.

Percebe-se, portanto, que os alunos não tem conhecimento do que é preconceito e bullying, alguns até chegaram perto nas respostas, mas não sabem que existem vários tipos de preconceito, que existe o bullying direto e indireto, então esses alunos precisam ser informados e orientados pela escola sobre a temática, é necessário que a escola tenha um pouco mais de cuidado, aprofunde mais o conhecimento desses alunos, explicando que preconceito não é só chamar o colega de “preto”, que o bullying não é só xingar, esclarecer que existem vários tipos de bullying, explicar sobre as consequências que esses tipos de violências podem causar na vida de quem sofre, mostrar a eles que vivemos numa sociedade que somos diferentes, pois quando se tem conhecimento a tendência é que essas situações diminua dentro das escolas, pois assim eles passam enxergar os alunos deficientes com outros olhos e a respeitá-los mais, e aprendem a lidar com as diferenças.

4.1 COMO O PRECONCEITO E O BULLYING SÃO TRATADOS PELA ESCOLA

As informações discutidas abaixo, foram adquiridas através das entrevistas feita a pedagoga e a professora, a fim de responder tal objetivo. Na entrevista da pedagoga, onde na resposta da questão 4, acerca do papel da escola para prevenir o preconceito e o bullying, ela nos diz que a escola tem quer ser “Mediador. Por que esse tipo de preconceito tem dentro da escola, com os magros, altos, obesos, cabelo crespo, temos o papel de ser intermediador”. Para completar a resposta da pedagoga a autora Silva (2010, p. 161) nos diz que “[...] a escola pode e deve representar um papel

fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas [...]”. Então assim como diz a pedagoga a escola deve ser mediadora para combater essas violências através de programas e ações dentro da escola.

Ao ser questionada sobre qual suporte e orientação que a escola dá aos professores quando ocorrem essas situações em suas aulas, a pedagoga nos disse que além de ser resolvido dentro da escola, “Chamar ambas as partes para conversar, primeiro temos que resolver dentro da escola, esse tipo de problema, quando a gente vê que o problema não é resolvido aí chamamos a família pra está atuando também”. Fizemos a mesma pergunta à professora na questão 6 da entrevista, onde foi questionado se ela recebe algum suporte da escola quando ocorre essas situações em suas aulas, ela nos disse que “[...] nós recorremos a pedagogia, mas comum é ir a coordenação, e lá elas fazem aquela conversa, acho que é esse o suporte, mas acho que todo mundo está meio despreparado pra enfrentar certas situações assim”. No final da fala a professora nos mostra insegurança para lidar com essas situações em suas aulas, Silva (2010, p. 162) nos diz que “[...] as escolas necessitam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências”, então é preciso a escola preparar esses profissionais para no dia a dia eles saberem lidar com as situações e ser mediador para combater e prevenir o preconceito e o bullying.

Na questão 5, questionamos acerca da prevenção, se a escola faz algum projeto e ação para o combate, a pedagoga nos diz:

Sim, fazemos de uma forma interdisciplinar, usamos a disciplina de português, história, geografia, o ano passado mesmo a própria secretaria de educação trouxe esse projeto pra dentro da escola, fizemos um trabalho muito forte, mas eu acho que isso está enraizado na própria família, na própria comunidade, mesmo a gente fazendo projeto, nós não sentimos muita diferença, não sentimos muita evolução, isso eles já trazem lá de fora, a família e comunidade não ajudam (PEDAGOGA).

A autora Silva nos diz que as escolas precisam primeiramente identificar os casos de bullying que acontecem em suas dependências, ter ciência dos tipos existentes, e ter percepção das consequências que pode trazer na vida de quem sofre, o segundo passo a escola precisa qualificar os profissionais para eles saber lidar com essas situações no dia a dia, e o terceiro passo a escola precisa que o tema tome uma proporção ampla, envolvendo não só a escola, mas a comunidade, profissionais especializados no tema, profissionais de diversas áreas, como, psicólogos,

psiquiatras, pediatras e assistentes sociais, e também as instituições públicas (SILVA, 2010).

Percebemos na fala da pedagoga onde ela afirma que “os alunos já trazem isso de fora”, então não adianta só a escola fazer o seu papel, e a família e a comunidade ficar de braços cruzados, se torna um fardo pesado para a escola carregar sozinha. Para Silva nos dias atuais os pais passam muito a mão na cabeça dos filhos, fecham os olhos para a realidade e fingem que nada acontece, muitas vezes para não magoar os filhos e evitar desavenças familiares, as vezes também pelo fato de passar o dia fora trabalhando e quando chega querem compensar esse período, assim deixando os filhos fazerem o que querem, para não se sentirem culpados por não acompanhar a rotina dos filhos na escola (SILVA, 2010). Silva ainda nos diz que (2010, p. 62) “[...] Eles se esquecem que um embate crítico, um confronto respeitoso, um chamado as regras, pode ser um dos maiores atos de amor oferecidos a um filho[...]” então os pais tem que orientar, educar, explicar sobre essas questões, não é só papel da escola, Silva (2010, p. 62) ainda coloca que “[...] educar é confrontar os filhos com as regras e os limites, além de fornecer-lhes condições para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano”.

A pedagoga ao ser questionada sobre quais providencias a escola toma em relação ao agressor e a vítima, ela nos diz que são os projetos, conversa com ambas as partes, vítima e agressor, conversa com a família e as atividades interdisciplinares que envolve todas as disciplinas. Ao ser questionada se na escola ocorre essas violências, ela diz que “aqui é todo dia, frequentemente, direto a gente tem que intermediar, isso é um trabalho constante aqui na escola”.

Durante esse período de um ano e meio que estou trabalhando como estagiaria nessa escola pude presenciar que no ano de 2016, logo que cheguei na escola entre o mês de junho e julho realmente foi realizado um projeto que a secretaria de educação junto com a escola trouxe sobre a temática bullying, onde eles fizeram diversos trabalhos interessantes, como palestras, contação de histórias, projetos interdisciplinares, conversas de conscientização, ocorreu em diversos espaços como, sala de aula, biblioteca, laboratório de informática e foi realizado com todas as turmas. Mas nesse ano de 2017 não presenciei nenhum tipo de trabalho relacionado a temática, acredito que esses trabalhos devem fazer parte dos projetos anuais das escolas, pois como

disse a pedagoga essas situações ocorrem diariamente na escola, por isso deve ser trabalhado todo ano.

Percebe-se então que a escola tem uma preocupação em relação a temática, já foram desenvolvidos trabalhos junto com os professores como foi dito pela pedagoga, mas será que foi o suficiente? Não foi. Pois a própria pedagoga nos disse que mesmo com o projeto forte que fizeram não fez muita diferença, que os alunos continuam reproduzindo as violências.

Observo no meu dia a dia na escola, que eles conversam com os alunos, se for necessário chamam os pais para conversar, se for preciso dão encaminhamento para algum especialista, mas normalmente os pais não comparecem a escola, e não procuram ajuda para os filhos, assim a reação da escola quando eles acham que não tem mais solução é dar suspensão ao aluno como uma forma de punição, por que já não sabem o que fazer, e de acordo com Educação Física (2017, p. 21) “[...] a simples punição do agressor, como é feito na maioria das escolas, não é uma boa opção. Isso porque apenas puni-lo não repercutirá o entendimento do fenômeno [...]”. Percebo que a escola, e todo o seu corpo docente não estão preparados para certas situações, como a professora mesmo disse, então para se livrar do aluno por uns dias eles dão suspensão, mas do que adianta se o aluno volta e faz a mesma coisa. Já presenciei casos de aluno que levou 5 suspensões em um mês. Um dos grandes problemas que vejo nessa escola é a ausência da família no acompanhamento dos filhos, a escola orienta o que tem que ser feito, mas a família não faz seu papel.

O preconceito e o bullying é um problema social, e não é só papel da escola combatê-lo, a escola precisa de apoio da família, da comunidade, dos órgãos públicos, para juntos lutar contra esse fenômeno, percebo que a escola tenta fazer sua parte, mas se torna um fardo grande pra ela carregar sozinha.

Mas apesar das dificuldades que a escola enfrenta ela não pode deixar de fazer sua parte, como capacitar os professores e os demais profissionais da educação, articular políticas de intervenção e prevenção, discutir com os alunos sobre a temática, discutir com a família e a comunidade explicando o que esse fenômeno pode causar na vida das pessoas que sofrem essas violências, e tentar reverter essa situação, pois a educação tem uma grande força para minimizar o preconceito na escola.

4.2 AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E BULLYING QUE OCORREM NA ESCOLA INVESTIGADA

Os dados analisados nesse capítulo, foram delimitados nas respostas obtidos na pesquisa que foi realizada na escola, a fim de responder esse objetivo, analisamos a entrevista da professora de educação física. Na entrevista, ela nos disse que duas alunas, (a fim de identificar as alunas, às chamaremos de alunas X e Y) já sofreram preconceito e bullying durante suas aulas nessa escola. Porém, de acordo com a professora, foi logo quando elas entraram na escola, na turma do primeiro ano, e o corpo docente teve muita dificuldade para contornar a situação naquela época, muito mais do que ela considera em relação aos dias atuais. A professora considera que agora as alunas x e y já estão no terceiro ano e os alunos já se acostumaram com elas, e conseqüentemente às respeitam mais.

Temos um outro caso que não foi citado pela professora de educação física, mas em conversa com uma professora regente ela nos disse que uma aluna (a fim de idêntica lá a chamaremos de aluna W) sofreu preconceito durante suas aulas quando a mesma chegou na escola no ano de 2016 na turma do 4º ano. Quando essa aluna entrou na escola, de acordo com a professora regente eles ficavam apontando e cochichando, ficavam rindo dela e a desprezando, logo a professora percebeu essas situações e fez um trabalho com a turma, conversando com eles sobre sua deficiência dela, o por que dela ter nascido daquele jeito, e segundo ela depois desses esclarecimentos não aconteceu mais as situações de desrespeito. Nesse ano de 2017, já no 5º ano fui acompanhá-la como monitora, e nunca percebi nenhuma atitude de desrespeito a essa aluna durante as aulas.

Para a professora de educação física isso acontece muito quando chega uma criança nova na escola, segundo ela “[...] hoje em dia os alunos já se adaptaram, já entenderam que ela tem uma deficiência, mas no começo nós tivemos muito mais agressão, não física, física eu nunca presenciei [...]”. Para a autora Silva (2006, p.426) “O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade [...]”. A autora ainda nos diz que “As pessoas com deficiência causam estranheza num primeiro contato, que pode manter-se ao longo do tempo a depender do tipo de interação e dos componentes dessa relação [...]”

(2006, p. 426)”. Então quando esses alunos percebem uma criança diferente na escola, eles acham estranho, talvez seja pela falta de informação, por isso é importante as escolas informar aos alunos a deficiência do colega, fato que possivelmente reduza substancialmente situações de preconceito e Bullying na escola.

A aluna X é portadora de hidrocefalia, doença na qual ocorre aumento anormal do fluido cefalorraquidiano dentro da cavidade craniana, que também pode causar deficiência mental e convulsões, a aluna Y tem uma deficiência no braço, que é quase imperceptível, eu mesma nunca tinha percebido, e a aluna W é portadora de Síndrome de Down.

De acordo com a professora no caso da aluna Y os alunos achavam que ela não conseguia fazer as atividades, diziam que não era pra ela participar, eles a chamavam de café com leite, dentre outros apelidos para inferioriza-la, de acordo com a professora “[...] as vezes a gente falava vamos fazer uma fila pra fazer tal atividade, ai quando chegava a vez dela os alunos falavam, ela não consegue não tia [...], segundo Silva (2006, p. 427) “O corpo marcado pela deficiência, por ser disforme ou fora dos padrões [...] É como se eles nos remetessem a uma situação de inferioridade [...]”, na verdade o diferente incomodava esses alunos, e isso era motivo deles a inferioriza-la.

É importante a reflexão da educação física com o bullying, pois as aulas podem permitir que o aluno deficiente seja visto com inferioridade, devido as suas limitações, onde num jogo talvez ele não consigo fazer um gol, e os alunos interpretam isso como incapacidade, assim sendo exposto aos agressores (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017). Segundo o especialista em educação física Mestre em Ciências da Atividade Física, Rodrigo Silva Perfeito “[...] as aulas de educação física, por sua natureza, podem criar situações de competitividade, agressividade e até discriminação[...] (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017,p.21)”, para que não se torne aspectos negativos, precisa de um planejamento realizado pelo professor, por que por exemplo num jogo cooperativo um precisa do outro, cada aluno tem sua habilidade, e isso pode ser usado como estratégia com o aluno deficiente, por que ele pode não ser bom em fazer gols, mas pode ser um bom goleiro, então é ser trabalhada no momento certo (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017).

A aluna Y não se deixava abater com as críticas feita pelos alunos, segundo a professora “[...] ela ia e fazia, e provou que pode fazer as atividades [...] ela provou pra turma que pode fazer qualquer atividade, que aquele probleminha no braço dela não é nada [...]”, para a professora as vezes os alunos não fazem por maldade, ela acha que é coisa de criança que falam na inocência, segundo ela:

[...] criança fala o que está sentindo mesmo, não tem filtro, como a gente adulto tem, que pensa um pouquinho as vezes antes de falar [...]” até uma certa idade não tem maldade, eu não vejo como maldade, ai a partir do 5º ano 6º ano, a gente vê que eles já tem maldade, já sabem o que estão fazendo [...] (PROFESSORA).

De acordo Leão citado por Dias e Pingoello (2016, p. 44) “O *bullying* é confundido por alguns professores como brincadeiras de criança que não terão longa duração, pois se considera que é uma fase, logo passa, e que não causam nenhuma consequência [...]”, mas os efeitos dessa “brincadeira” acarreta consequências graves, o aluno que sofre essa violência já cresce com sentimento de inferioridade, de desvalorização da própria imagem, então os professores precisam rever seus conceitos, explicar para os alunos que isso não é brincadeira e que pode afetar o aluno por toda a vida.

É preciso um olhar mais crítico, com relação as situações, para a autora Oliveira (2017, p. 140) “O preconceito precisa ser trabalhado desde os primeiros anos de uma criança [...] este trabalho precisa ser feito em conjunto com família e escola de maneira que o infante sinta-se seguro para relatar qualquer tipo de violência que sofrer [...]”, então independentemente da idade essa temática deve ser trabalhada com todos os alunos, desde a vítima até os agressores, com os agressores devemos alerta-los que essas brincadeiras não podem acontecer, e com as vítimas para orienta-las a desabafar, a contar quando essas situações acontecer para as providencias serem tomadas corretamente.

O caso da aluna X é mais complexo, as agressões eram constantes não só nas aulas de educação mas dentro da sala de aula também, pude presenciar um conselho de classe da escola, no final do ano de 2016, onde a aluna já estava no segundo ano, na qual a professora regente dessa turma fez um desabafo explicando o perfil da turma, dizendo que os alunos dessa turma eram muito preconceituosos entre si, ficavam colocando apelidos horrorosos um nos outros, e que não pareciam crianças daquela idade, disse ainda que com a aluna X o preconceito era maior, e de acordo com a estagiaria que a acompanha nas aulas, os alunos não tocavam nela, e se ela

encostasse em algum lugar eles ficavam com nojo de encostar naquele mesmo lugar, não sentavam na mesma cadeira que ela, e a excluía das atividades em grupo.

De acordo com o relato da estagiaria que acompanha a aluna X, onde nos diz que:

Nesse período pude observar diversas situações de bullying que ocorreram com a criança. Situações onde os demais alunos a insultavam com apelidos para ofendê-la e até o cúmulo de sentirem nojo ao serem tocados por ela. A criança em questão é muito dócil e nunca apresentou rancor ou raiva em relação ao jeito que era tratada pelas demais crianças, no entanto era perceptível que ela tinha noção da repulsa que as crianças tinham dela. O bullying não ocorria de forma direta, mas também de forma indireta, situações como desprezo, excluí-la dos círculos sociais e atividades em grupo em sala de aula (ESTAGIÁRIA).

Ao analisar o questionário dessa turma, acerca se eles já tinha presenciado alguma situação de desrespeito com algum aluno deficiente na escola, pude perceber que os próprios alunos afirmaram que praticavam essas situações com a aluna x, como pode ser visto na fala de alguns alunos:

- *Todo mundo chamava X de cabeção e de feia.*
- *Ficavam chamando ela de capacete de astronauta.*
- *Sim, eu fazia mas não faço mais.*
- *Eu chamava a X de cabeção (ALUNOS).*

A professora ao ser questionada sobre a reação da aluna X, ela nos diz que “ela fica um pouquinho retraída, ela deixa de fazer algumas coisas, por causa de comentários [...]”, de acordo com Perfeito (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017, p. 21) “[...] Uma das reações do agredido é deixar de fazer qualquer atividade que possa estimular outro episódio de preconceito”, acredito que para não ser motivo de chacota, de apontamentos a aluna X preferia não fazer as atividades, assim os colegas não iriam implicar com ela. Mas para a professora essas agressões não é bullying é coisa de criança, ela nos diz “[...] é coisa de criança as vezes eu vejo, que são coisas deles, coisa de criança, que não é por causa da deficiência dela, não é bullying [...] o diferente chama a atenção, daí eles implicam e fazem piadinha mesmo [...]”.

Ao ser questionada sobre a relação dos alunos com deficiência com os demais alunos dessa escola, a professora ela nos diz que:

Eles tem uma relação boa, o que nós tivemos dificuldade foi no primeiro ano, com as alunos X e Y, que precisamos fazer reunião com os pais de alguns alunos que estavam agredindo verbalmente, mas assim com o passar do tempo, eles foram convivendo, agora no 3º ano juntos, eles foram se acostumando, eu acho que eles tem uma convivência boa (PROFESSORA).

De fato nesse ano de 2017, houve uma melhora significativa em especial a aluna X, depois de dois anos sofrendo essa violência, enfim os alunos começaram a ver ela

com outros olhos, começaram a respeitá-la, as agressões já não acontecem diariamente.

De acordo com a Estagiária:

Senti uma melhora significativa no comportamento das crianças esse ano a partir dos trabalhos e conversas de conscientização e empatia direcionadas aos alunos e aos pais. Desde então, ocorrem mudanças expressivas no que diz respeito à convivência e socialização em sala de aula. As crianças não colocam mais apelidos e não a tratam com tanto desprezo como antes. Observei que as crianças se tornaram mais empáticas com o passar do tempo e com os trabalhos e discussões levantadas sobre como o bullying afeta e traumatiza o indivíduo e limita suas capacidades sociais, cognitivas e afetivas em todos os âmbitos de interação, provocando sequelas que poderão se perpetuar por toda a vida (ESTAGIÁRIA).

Observa-se então que a partir dos trabalhos feitos na turma do 3º ano que é a turma da aluna X, e na turma do 5ºB que a turma da aluna W, ocorreu uma melhora significativa em relação as situações de preconceito e bullying, na turma do 3º ano foi mais demorado, foi preciso mais tempo para os alunos entenderem, já na turma do 5ºB logo após o trabalho a professora regente observou a melhora. Ressaltamos então a importância que se tem de esclarecer aos alunos a deficiência do colega, pois assim eles vão ter um olhar diferente para esses alunos, quebrando alguns preconceitos.

Portanto, pude concluir que de fato ocorre preconceito e bullying nessa escola, que de acordo com a pedagoga essas situações são constante na escola, não só com os alunos deficientes, mas com os gordos, magros, negros. O preconceito e o bullying com a aluna X vão além das aulas de educação física, dentro da sala de aula ainda é pior pois ficam mais tempo juntos. Durante esse período como estagiária nessa escola conversei bastante com a estagiária que acompanha a aluna X pois ela sempre vinha desabafar comigo sobre as situações que presenciava, e de fato as ocorrências eram mais em sala de aula do que nas aulas de educação física, pois nas aulas de educação física os alunos ficavam mais dispersos, até mesmo por que eles ficam mais livres.

Portanto é importante trabalhar a temática desde os primeiros anos da criança, é preciso que as escolas estejam a frente dessa discussão, incluindo a família, a comunidade, e que os órgãos públicos apoiem esses projetos, e que seja um trabalho constante dentro nas escolas, não podemos esperar acontecer para depois intervir. O preconceito e o bullying com o aluno deficiente ainda é mais complexo, por que além desse aluno ter de conviver com suas limitações, ele ainda tem que conviver com as

agressões, por isso é importante a escola informar aos alunos a deficiência do colega, suas limitações, assim eles vão aceitando as diferenças, é importante também que o professor de educação física esteja capacitado para identificar essas situações, e que ele seja capaz de desconstruir essas percepções que o aluno deficiente é incapaz, e uma forma de reverter isso é incluindo ele nas aulas, nas atividades, mostrar que eles também são capazes, para assim superar as dificuldades desse aluno e descobrir e desenvolver suas potencialidades.

4.3 AS CONSEQUÊNCIAS QUE O PRECONCEITO E O BULLYING TRAZEM A ESSAS CRIANÇAS

Os dados analisados abaixo, foram delimitados nas respostas obtidas pela entrevista que foram feita a professora e a pedagoga, e o questionário que foi aplicado aos alunos, conseguimos analisar os principais pontos respondidos por eles, a fim de responder esse objetivo.

Ao ser questionada sobre quais consequências que o bullying traz a essas crianças, a professora nos disse na questão 7 da entrevista: “[...] consequências graves, da criança ficar retraída, as vezes aceitar aquilo ali que as outras crianças estão falando como uma verdade pra vida dela, que você é incapaz, que você não consegue [...]”, a professora ainda relata que no caso da aluna Y “[...]ela não incorpora aquilo, não afetou ela [...]”, mas no caso da aluna X “[...] ela fica um pouquinho retraída, ela deixa de fazer algumas coisas, por causa de comentários [...]”, no caso dessas duas alunas cada uma absorveu as agressões sofridas de uma forma, uma conseguiu provar pra turma que ela conseguia e não se deixou abater, mostrou que ela era capaz de fazer as atividades, já a outra ficou retraída, deixou de vivenciar as brincadeiras, deixou de experimentar e isso é muito insatisfatório, pois essa criança está deixando de aprender, de se desenvolver. De acordo com Cordazzo e Vieira (2007, p. 93) “A brincadeira é a atividade principal da infância [...]”, e no caso da aluna X ela está deixando de participar para não ser motivo de gozação.

Através das brincadeiras a criança desenvolve o cognitivo, desenvolvimento motor, o social, aspectos sensoriais, força, emocional. A criança aprender a conviver com as diferenças, a ganhar e perder, a supera seus limites, aprendem a criar estratégias

para novas situações, cria autonomia para a fase adulta (CORDAZZO; VIEIRA 2007). Por isso é importante que esses alunos participem das aulas de educação física.

De acordo com Perfeito (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017, p. 22) “A relação dos jovens com a Educação Física Escolar pode fazer a diferença entre a vida adulta ativa e saudável ou sedentária [...]”, por isso os professores não podem deixar que esse aluno deixe de participar da aula, tem que criar estratégias para inclui-lo na aula e para combater o preconceito e o bullying.

Já a pedagoga, ao responder na questão 10 sobre quais consequências pode trazer a essas crianças, ela nos diz que:

Psicológica, se sente rejeitado, se sente menos que o outro [...]adolescente gosta de se popular, gosta de ser aceito, então quando isso acontece pode até causar uma certa depressão, ele quer está no meio, mas quando sofre bullying se sente rejeitado, por que ele não é aceito, e adolescente se preocupa muito com aceitação [...] hoje os apelidos é pra ferir, machucar, atingir, e acaba causando uma certa dificuldade de aprendizagem, por que quando atinge o psicológico, atinge o social também, pode até cair o índice de rendimento na escola também se a família não ajudar, não conversar e a escola não tomar providências (PEDAGOGA).

Para a autora Oliveira (2017, p.139) “[...] as principais consequências dessa violência são: baixa autoestima, negação da própria imagem, sentimentos de angustia e revolta, dificuldade com relacionamentos e queda no rendimento escolar [...]”, em alguns alunos podemos observar as consequências pois demonstram, outros já não demonstram, eles não contam na escola que estão sofrendo essas agressões, e nem para a família por medo de represálias.

Fizemos a mesma pergunta aos alunos, mas nem todas as respostas foram claras, alguns deixaram a pergunta em branco, outros não souberam responder, e 58% conseguiram dizer algo com clareza, vou destacar algumas respostas ditas por eles:

- Podem ter depressão e se matar.
- Muita dor e sofrimento.
- Podem causar tristeza, dor e até não sair mais de casa.
- Elas ficam tristes e não falam mais com ninguém.
- Depressão e outros tipos de coisa.
- Eles podem ficar tão tristes que uma hora pode chegar em casa e se matar.
- Olha tem muitas pessoas que choram, se matam, que ficam tristes e magoadas.
- Dor, tristeza e não sai de casa.
- Dor de cabeça, dor nas pernas.
- Pode traumatizar a pessoa para o resto da vida (ALUNOS).

Portanto pudemos analisar que nem todos os alunos sabem das consequências que podem causar na vida dessas pessoas que sofrem preconceito e bullying, talvez seja

pela falta de informação, por isso é importante o professor esclarecer essas questões em suas aulas.

Podemos concluir que a professora percebeu que essas agressões afetava a aluna X, trazendo consequências, na qual ela ficava retraída, com receio em participar das aulas, pois tinha medo dos colegas a insultar, e uma das formas dela se defender dessas agressões era não participar das aulas de educação física e se isolar, com isso tirando a oportunidade dessa aluna de vivenciar as atividades que é tão importante para seu desenvolvimento pessoal, social, motor.

Porém, sabemos que existem muitos outros tipos de consequências, como depressão, tristeza, não sentem mais vontade de ir à escola, se isolam, sentem dores de cabeça, e em alguns casos aceitar o que os outras crianças dizem como uma verdade para a vida delas e se convencer de que a vida não tem mais valor. Podemos destacar também como consequências os sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno do stress pós-traumático, e alguns casos menos frequentes como: esquizofrenia, suicídio ou homicídio.

Portanto é de extrema importância o professor estar capacitado para lidar com essas situações, é preciso ele ficar atento aos seus alunos, prestar mais atenção nas suas atitudes, para assim ele ter a percepção do que está acontecendo a sua volta, e detectar se está ocorrendo algum tipo de preconceito, procurar saber por que esse aluno não quer participar da aula, para assim livrar seus alunos dessas consequências, pois pode afeta-los para o resto da vida se não for descoberta logo, e muitos alunos escondem, se tornando mais difícil perceber.

4.4 COMO O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHA AS QUESTÕES DE PRECONCEITO E BULLYING EM SUAS AULAS

Os dados analisados abaixo, foram balizados na respostas obtidas pelo questionário da professora, associado às observações que fiz durante meu período de estágio. Dessa forma, conseguimos delimitar os principais pontos respondidos pela professora, confrontando com as observações que realizei e registrei durante esse período de estágio.

A professora ao ser questionada sobre como lida com as situações de Bullying em suas aulas, nos disse que “Temos que fazer mais do instinto pessoal, não tive, não fiz nenhum curso, alguns professores até fazem, se preparam, faz um curso específico, pós nessa área, mas não foi o meu caso, é mais como instinto mesmo”.

Então, a partir dessa resposta, entendemos que a professora não possui um critério sistematizado para lidar com essas situações, ela vai reagir pelo seu instinto, naturalmente, e assim tenta contornar a situação. Realizando uma comparação da fala da professora com a literatura, percebemos que o posicionamento da mesma, não é muito diferente do que acontece na maioria dos casos. Podemos realizar esse paralelo pela fala de Perfeito (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017, p. 21), quando nos diz que: “[...] não existe uma formula pronta, mas a solução está no diálogo entre os corpos docente, discente e administrativo [...]”.

Sobre qual atitude principal da professora sobre as possíveis situações de Bullying em sua aula, ficou notório que professora não consegue resolver a situação na aula, o mais comum é ela encaminhar o aluno à coordenação. Sobre esse ponto observado, Perfeito (2012) nos diz em sua entrevista à Revista Empresário Fitness que “[...] faz-se importante que o professor não realize a tão comum ação antipedagógica de simplesmente punir o agressor, mas sim, que inicialmente, discuta as causas e reflita sobre o episódio com toda a turma, e se possível, com toda a escola [...]”, o papel professor é importante para influenciar nas atitudes dos alunos, para Oliveira (2017, p.140) “[...] tem o poder de formar opiniões e também de resolver conflitos e é por isso que deve estar bem preparado para levantar discussões que abranjam os mais variados pensamentos e opiniões sobre os tipos de preconceito e como eles ocorrem [...]”, então antes de mandar o aluno pra coordenação o professor poderia trabalhar essas questões nas aulas, expor essas questões a debates, para assim os alunos ter autonomia de discutir e compreender a temática.

Ao analisar a fala da professora, conseguimos entender que ela não se especializou a partir de cursos específicos ou pós pra trabalhar com alunos com deficiência, então acredito que isso seja um dos motivos da dificuldade de discutir essas questões em suas aulas. De acordo com ela:

Apesar da gente não receber nenhum tipo de formação em relação a isso, quando a gente está na faculdade a gente tem a disciplina de educação especial, que aí você lida, conhece alguns casos, mas assim é só 6 meses, então assim é muito pouco, muita teoria, aí você chega na escola e se depara

com algumas situações que a gente vai mais pelo instinto, seu pessoal, por que eu acho que não é a faculdade que te prepara pra isso não, você que vai e faz, tenta contornar a situação, tenta mostrar, dizer que ele pode sim, incentiva [...] (PROFESSORA).

Então de acordo com a professora, uma forma de trabalhar essas questões em suas aulas, é incluir esse alunos nas atividades, mostrar para os alunos que eles conseguem, incentiva-los a participar.

A seguir, vamos apresentar uma situação específica relacionada a um dos alunos com deficiência da escola. Durante os Jogos Escolares Municipais de Vitória (JEMVI) 2016, a professora levou um aluno deficiente, que é o aluno na qual sou monitora nessa escola, ele possui uma deficiência intelectual. Para a análise aqui apresentada, vou identifica-lo como aluno Z. Z é um aluno muito participativo nas aulas de educação física, gosta muito de jogar futebol, basquete, e tem uma relação muito boa com os colegas. A professora o levou na intenção de inclui-lo, até mesmo por que ele não tem as habilidades que os outros tem, e não houve uma preocupação se ele ia atrapalhar ou não, por que era uma disputa, e em disputa todos gostam de ganhar, mas nesse caso a participação foi mais importante. Eu fui para acompanhá-lo e chegando lá a professor conversou com os alunos que ele iria jogar, e ele entrou e jogou. Para a professora “[...] nas aulas de educação física que são mais praticas, ele não tem diferenciação nenhuma, tanto que ele joga, se ela cai e erra, os meninos brigam... ele não está nem ai, normal [...]”.

Nas aulas de educação física é possível trabalhar essas questões de preconceito e bullying através da inclusão desses alunos deficientes nas aulas, para mostrar para os alunos que o aluno deficiente tem capacidade de realizar as atividades assim como eles, desconstruindo essa ideia de que o aluno deficiente “não consegue”, “não pode”.

Para Perfeito (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017, p. 21):

[...] em qualquer atividade coletiva, só é possível alcançar os objetivos se todos apresentarem habilidades diferentes que unidas formarão uma equipe. Por exemplo: O ótimo chutador, que faz muitos gols, somente será evidenciado como o mais importante da atividade se o professor de educação física não construir a ideia de que não importa quantos gols o aluno A faça, se o aluno B não for bom goleiro, se o aluno C não for bom desarme.

Então é preciso que o professor mostre para eles que um precisa do outro, que cada um é bom em algo, que juntos eles formarão um time, onde cada um vai fazer seu papel.

Pude observar nessa escola que as aulas não são planejadas, os alunos ficam mais livres, então não um planejamento para incluir os alunos deficientes nas aulas, não vejo uma intervenção do professor para realização das atividades, vejo que os alunos se apropria dos objetos e eles mesmos ficam brincando, jogando, correndo, observo que alguns jogam futebol, outros brincam de três cortes, uns pulam corda, jogam vôlei, e tem outros que não fazem nada, só vejo intervenção da professora se acontecer algum imprevisto na aula, ai ela chama atenção deles, assim o aluno deficiente só vai participar se ele tiver vontade, pois não a um incentivo do professor.

Assim muitas vezes o aluno deficiente deixa de participar pois se sente retraído por se sentir excluído, por que muitas vezes não é escolhido para participar das atividades, ou é escolhido por último, já presenciei em outra escola um caso desse, onde nenhum aluno queria fazer a atividade com a aluna deficiente, e em uma outra atividade essa aluna foi escolhida por último para participar da atividade, e foi porque era a única opção, então é preciso a intervenção do professor para incluir esses alunos nas aulas.

Quando a escola promove algum evento, como as gincanas, torneios, festa das crianças que normalmente tem atividades, jogo e brincadeiras que vejo o envolvimento da professora, pois é ela que organiza e assim todos participam.

Perfeito (EDUCAÇÃO FÍSICA, 2017, p. 21) ainda nos diz que:

É preciso que o professor construa essa ideia nos alunos. Sem a menor dúvida, o aluno que é escolhido por último na divisão de times e não chuta bem, possui outras habilidades que são até mais importantes que a simples marcação do gol. Como os alunos são iludidos pela nobreza do artilheiro, induzida pelas mídias, cabe ao professor desconstruir essas percepções destituídas de valor e inserir conceitos de cooperação e equipe.

Por isso é importante a intervenção do professor nas atividades para ele desconstruir essas percepções que eles tem do aluno deficiente, é preciso mostrar pra eles que eles aluno tem potencialidades, e isso só será descoberta se o professor incluir esse aluno nas suas aulas.

A professora ao ser questionada acerca do papel da educação física para prevenir essas situações ela nos diz que:

A educação física é um momento de socialização onde eles tem mais contato físico com o outro, de trabalhar em grupo, igual nos jogos eles precisam um dos outros, então na educação física é esse momento de estarem interagindo tendo a oportunidade, por que as vezes na sala de aula cada um fica na sua mesinha, fazendo sua atividade, e na educação física eles tem esse momento

de precisar um do outro, de poder num jogo colaborar um com o outro, então é um momento de socialização [...] (PROFESSORA).

Portanto podemos analisar que a professora sabe da importância da educação física para contribuição na formação dessas crianças, sabe que através das brincadeiras, dos jogos cooperativos, é possível contribuir para combater o preconceito e o bullying, e desconstruir esses estereótipos que são construídos nas aulas, ou as vezes os alunos já trazem isso de fora, de discriminar os menos habilidosos, os mais fracos, assim vai surgindo o preconceito e o bullying.

Podemos concluir que é preciso a professora aproveitar mais o que a educação física a oferta, que são os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, ginastica, e através deles fazer um planejamento adequado para evitar a exclusão e incluir esses alunos em suas aulas, fazer debates com os alunos sobre a temática preconceito e bullying, conversar com eles sobre a deficiência do colega, expondo suas dificuldades, mas também suas potencialidades, assim eles vão compreendendo e aprendendo a respeitar e conviver com as diferenças. Sabemos que o espaço da escola e a falta de materiais comprometem muito a realização das aulas, mas os professores não podem deixar de fazer sua parte, e isso é o que falta, fazer o diferencial, independente das dificuldades encontradas no dia a dia.

4.5 IDENTIFICAR NA VISÃO DOS ALUNOS OS MOTIVOS QUE REFORÇAM AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E BULLYING

Com intuito de responder esse objetivo vamos analisar o questionário que aplicamos aos alunos, e trazer as principais questões que foram analisadas.

Já conseguimos identificar que os alunos compreendem pouco sobre o que é preconceito e bullying, eles não sabem que existem vários tipos de preconceito, que o bullying pode ser praticado direto e indiretamente, então quando ele exclui, isola, ignora, e despreza o colega também é bullying, não é só bater e colocar apelidos, e essas questões precisam ser repensadas pela escola e pelos professores, é preciso criar estratégias para essas informações chegarem aos alunos de uma forma sistematizada. Possivelmente seja esse um dos motivos que ainda levam alguns alunos a praticar esse tipo de violência, pela falta de informação, como o aluno não tem conhecimento ele acha que é uma brincadeira.

Ao analisar a questão 3 do questionário, onde perguntava se na sala deles tinha aluno deficiente, e a questão 4 que perguntava se eles sabiam qual era a deficiência do colega, tivemos os seguintes resultados:

3ºano: Todos eles sabem que tem uma aluna deficiente na sala, e sabem que ela tem hidrocefalia.

5º ano A: 71% dos alunos sabem que na turma tem um aluno deficiente, e 29% não sabem. Na questão 4, 42% diz saber a deficiência do colega, que tem deficiência intelectual, e 58% diz não saber.

5º ano B: Praticamente todos os alunos sabem que nessa turma possui uma aluna deficiente, e que ela tem Síndrome Down.

Na turma do terceiro ano, que é a turma da aluna X, foi feito um trabalho pela escola e também pela professora, pois as ocorrências do preconceito e do bullying eram constantes contra esse aluna, e isso justifica o motivo de todos os alunos saberem que na turma existe uma aluna deficiente, e saberem qual a deficiência dela, por isso é de extrema importância a escola e os professores informar e explicar a deficiência do aluno aos colegas.

Na turma do 5ºA, que é a turma do aluno Z, a maioria dos alunos sabem que existe um aluno deficiente na turma, mas, mais da metade diz que não sabem a deficiência desse aluno. Esse aluno foi transferido do turno vespertino para o matutino, na metade do ano de 2016, como sou monitora dele, pude participar dessa transição, e ao chegar na escola os alunos não foram informados de sua deficiência, como aparentemente para eles, esse aluno não apresenta nenhuma deficiência, alguns alunos tinham curiosidade de saber por que ele tinha ajuda de uma monitora e os outros não, assim alguns descobriram o motivo dele ter monitora, que era pelo fato dele ter deficiência. O motivo desses alunos não saberem a deficiência do colega foi a falta de informação a esses alunos quando o aluno Z entrou nessa turma, pois não foram informados da deficiência do colega.

Já na turma do 5º B, que é uma turma que também possui uma aluna deficiente, que é a aluna W, praticamente todos os alunos sabem que possui e sabem a deficiência dela. Por que foi realizado um trabalho na turma pela professora regente, onde ela sentiu a necessidade de informar a deficiência dessa aluna para quebrar os

preconceitos existentes, assim as atitudes negativas dos alunos foram diminuindo, pois eles entenderam o por que dela ser diferente.

As questões 5 e 6 do questionário já foram citadas anteriormente, mas é de grande relevância está citando novamente nesse parágrafo, para reforçar os motivos que podem levar esses alunos a praticar essas violências, e ajudar a responder esse objetivo. Na questão 5 os próprios alunos nos confessaram que já praticou bullying com a aluna X, e alguns já presenciaram situações de preconceito e bullying, não só com os alunos deficientes mas com os outros também. Já na questão 6 onde perguntou se eles sabem das consequências que podem causar na vida desse alunos, 58% responderam que sim, e deram exemplo de uma consequência, mas 42% ainda não sabem, é preciso informar a todos os alunos, para eles ter consciência das consequências que pode causar na vida desse aluno que sofre essa violência, eles precisam se sensibilizar e se colocar no lugar do outro, para assim respeitar mais o colega.

Portanto podemos analisar que:

- Os alunos acham que sabem o que é preconceito, mas não souberem responder com clareza, não sabem que existem vários tipos de preconceito.
- Ao responder sobre o que era bullying, a maioria respondeu que era só xingar, colocar apelidos, não sabem que existem outros tipos.
- Na turma do 5ºA tem alunos que não sabem que na turma tem um aluno deficiente, e mais da metade não sabe a deficiência do colega.
- Os próprios alunos nos informou que já praticaram bullying, e alguns já presenciaram.
- 42% desses alunos não sabem as consequências que o preconceito e o bullying podem causar na vida de quem sofre essas violências.
- A partir das intervenções e informações sobre o preconceito e o bullying, e sobre a deficiência do aluno nas turmas do 3º e 5ºB, houve uma melhora significativa nas ocorrências de preconceito e bullying contra os alunos X e W.

Ressaltamos aqui a importância de buscar soluções para incluir os pais e a comunidade nesses programas de combate ao preconceito e bullying, pois sabemos que muitos pais são ausentes na vida escolar dos filhos, e isso dificulta a conduta dos mesmos. E que os programas de prevenção ao preconceito e bullying sejam constante

nas escolas, não só quando ocorrer essas situações, buscando sempre o respeito as diferenças, para assim criar um ambiente harmonioso.

Portanto, podemos concluir que na visão dos alunos essas informações ainda não estão claras, que apesar da melhora nas turmas do 3º e 5ºB ano, é preciso muito mais da escola, e de toda sua equipe de profissionais, pois ainda é possível perceber ocorrências desse tipo de situações na escola, como a pedagoga mesma nos disse, não só com os alunos deficientes mas com todo os outros.

É preciso manter esses alunos informados, quando entrar um aluno deficiente na turma, é importante a escola e o professor esclarecer sobre sua deficiência, é importante o professor buscar informação do aluno deficiente, através do laudo, e se não conseguir informações o suficiente que deixe claro para ele sobre a deficiência é preciso recorrer a família e através da conversa procurar a saber como é o aluno no seu dia a dia, se ele já nasceu com aquela deficiência ou se adquiriu, pois isso influencia no seu desenvolvimento cognitivo e na sua percepção de mundo, conseqüentemente nas aulas. Assim o professor planejar suas aulas de acordo com a necessidade da turma, para que o aluno deficiente participe.

Os professores precisam buscar se atualizar através de cursos, pós-graduação e formação que abrangem a área da diversidade e inclusão, para quando se depararem com essas situações eles saberem desenvolver um planejamento para incluir os alunos deficientes nas aulas e também saberem lidar com as situações de preconceito e bullying que podem ocorrer nas aulas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como enfoque principal as situações de preconceito e bullying em uma escola pública de Vitória. Foram averiguados pontos importantes que devem ser considerados: como o preconceito e o bullying é tratado pela escola; as situações de preconceito e bullying que ocorre na escola; as consequências que o preconceito e o bullying traz a essas crianças; como o professor de educação física trabalha as questões de preconceito e bullying em suas aulas e a visão dos alunos e os motivos que reforçam as situações de preconceito e bullying.

A pesquisa realizada, reforçou a relevância do tema, principalmente por entendermos que existem muitas dúvidas ainda não só dos alunos sobre a temática, mas também dos professores para saber lidar com as situações e incluir o aluno com deficiência nas suas aulas, e para que consigamos realmente avançar para um modelo de sociedade inclusiva é necessário que essas situações de preconceito e bullying sejam eliminadas definitivamente das escolas.

Assim em tempos que se prega a inclusão das pessoas deficientes na sociedade ainda podemos presenciar situações de preconceito e bullying nas escolas, e essas questões são muitas vezes deixadas de lado por conta de uma cultura preconceituosa que nosso país ainda carrega. Por isso percebemos a necessidade de estudar o tema, a fim de trazer situações reais que acontecem nas escolas para conscientização de toda a comunidade escolar e sociedade, portanto, é preciso que os professores de educação física promovam a inclusão das pessoas deficientes em suas aulas para quebrar essa história que deficiente não consegue.

A partir dos dados coletados do questionário realizados com os alunos percebe-se que existe um equívoco na hora de conceituar o que é bullying e o que é preconceito, para eles essas situações se tornam normal, e é só uma brincadeira. Então se faz necessário que a escola e os professores discutam esse assunto de forma que os alunos aprendam conceituar as diferenças de uma coisa com a outra. Acredito que essas discussões deveriam ter uma importância maior nas escolas, sabendo-se das consequências que isso pode afetar na vida de quem sofre essa violência, o tema deveria ser melhor discutido e colocado em prioridade, já que o problema existe, e está presente no dia a dia das escolas de uma forma cruciante.

O trato pedagógico da escola em relação as situações de preconceito e bullying talvez ainda não sejam o suficiente para prevenir essas situações no contexto escolar, pois apesar dos trabalhos que a escola tenha feito ainda assim a pedagoga nos diz que ocorrem essas situações na escola, sejam elas com alunos deficientes ou não. Mas em relação aos alunos com deficiência que já sofreram preconceito e bullying pudemos relatar que houve uma melhora significativa a partir dos trabalhos feito pela escola e os professores. Mas ainda é preciso que a escola tenha mais cuidado em relação ao tema, e que se faz necessário trabalhos mais intensos.

As principais situações de bullying apresentadas estão relacionadas a xingamentos, desprezo, excluir o colega dos círculos de amizades, inferioriza-los dizendo que não são capazes de fazer algo, deixando claro que as situações com alunos deficientes ocorrem nessa escola, não só nas aulas de EF mas também em sala de aula. Reforçando questões pontuais da análise, para a professora, muitas vezes ela vê como uma brincadeira principalmente os alunos menores, do 1º ao 4º ano, pois ela acredita que há uma inocência de criança, ela só vê mais maldade com os alunos do 5º no pra cima, pois ela acredita que nessa idade eles já tem mais maldade e já entendem melhor as coisas.

Nesse sentido é preciso que as escolas juntamente com a família tenham como objetivo a conscientização desses indivíduos desde pequenos, para que eles cresçam com intuito de construir uma sociedade melhor, sem preconceito, assim tornando a escola e qualquer outro ambiente, um ambiente onde não há intolerância, e que haja respeito acima de qualquer diferença, onde o respeito seja a base do convívio.

Portanto as consequências dessas agressões em uma aluna em especial ficou evidente, pois a mesma ficava retraída e não participava das aulas de educação física, por medo dos alunos a insultar, então a forma dela fugir dessas agressões era não participar das aulas. E isso é um problema, pois essa aluna deixou de aprender, de se desenvolver, de socializar para não receber apelidos.

Nesse sentido talvez seja interessante que nos cursos de formação ofertados pela secretaria de educação, ofereça algumas disciplinas que trate do assunto de uma forma mais sistematizada para que sirva de base para que os professores saibam lidar com essas situações que acontecem no dia a dia nas escolas. Dessa forma acreditamos na possibilidade da educação física promover aos alunos deficientes a inclusão deles nas aulas, através das manifestações como: as danças, os jogos e brincadeiras, os

esportes, as lutas, onde pode ser desenvolvido as relações sociais, o cognitivo, afetivo, levando esses alunos a superar suas limitações e desenvolver suas potencialidades através da educação física inclusiva.

Ficou evidente que a professora apesar de não ter nenhum curso específico na área, ela conduz as situações de preconceito e bullying nos alunos a partir do que ela interpreta como mais coerente no momento, através do seu instinto pessoal. A forma de incluir esses alunos deficientes nas aulas é fazer com que eles participem, para mostrar para os outros que eles também conseguem, e a partir de conversas incentiva-los. Dessa forma, pudemos observar que não há um planejamento ideal para inclui-los, nem uma receita “pedagógica” pró inclusão ou contra o bullying, é preciso que os professores busquem se atualizar sobre a temática e sobre a inclusão dos alunos deficientes, através de cursos, formação, pós-graduação, artigos e livros sobre o tema, para criarem estratégias para inclusão desses alunos e quebrar esse padrão que os alunos deficientes são incapazes. Talvez, mais do que isso, é necessário que tenhamos cada vez mais novas gerações e consequentemente professores que cresçam em uma sociedade mais diversa e assim consigam enxergar o diferente de uma maneira menos distante e mais natural, para que assim as situações ainda de bullying, principalmente, se amenizem consequentemente.

Identificamos que um dos motivos que reforçam essas situações de preconceito e bullying, é a falta de conhecimento e de informação que esses alunos não tem sobre a temática, fazendo com que os mesmos pratiquem essas violências como se fosse algo normal. Portanto é importante toda comunidade escolar esclarecer essas questões para todos os alunos, principalmente sobre a deficiência do colega, isso faz com que eles passem a respeitar mais as diferenças.

Entendemos assim que apesar dos avanços das questões que envolvem as pessoas com deficiência na sociedade os casos de preconceito e bullying ainda aparecem nas escolas e em todo o meio social, então se faz necessário mais pesquisas na área já que as encontradas não foram suficientes para uma análise mais aprofundada, assim as pessoas vão se conscientizando que vivemos em um mundo de diversidade, que somos diferentes em todos os aspectos.

No passado os deficientes eram excluídos, abandonados, inferiorizados, renegados por décadas. No presente há uma luta constante dessas pessoas para ser reconhecidas como cidadãos, em busca de oportunidades iguais nessa sociedade tão

preconceituosa, que apesar das conquistas já adquiridas, ainda sofrem com o preconceito e bullying. E no futuro, que esperamos ser breve, expectamos que sejam respeitados na sua complexidade, compreendidos que são seres humanos que pensam, sentem, aprendem, e que buscam apenas respeito para viver sua história, e se superar a cada experiência vivida.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Orson. **Bullying**. 2007. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em 13 de setembro de 2017.
- CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009. Acesso em 03 nov. 2017.
- CHICON, J. F. Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v.14, n.1, p.13-38, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3760/2123>. Acesso em: 01 de Jun de 2017.
- DA SILVA, E. J. **Principais dificuldades encontradas nas classes inclusivas de educação física, nas escolas públicas: estudo de caso sobre inclusão**. 2013. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Programa de pós-graduação) – Universidade de Brasília, Alto Paraíso, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/6879>. Acesso em: 25 de Maio de 2017.
- DAMKE, Anderléia Sotoriva. GONÇALVES, Josiane Peres. **A concepção de bullying: Expressões de violência no ambiente escolar**. p.1638-1648, 200-?. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-219-07.pdf>. Acesso em: 26 de Maio de 2017.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2017
- DIAS, Fabiana Bruna Gozer, PINGOELLO, Ivone. Bullying na educação inclusiva. **Revista de educação do vale do Arinos**. Juaraa/MT/Brasil, v. 3, n. 1, p. 40-54, jan./Jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1458/1435>. Acesso em: 02 de Maio de 2017.
- DICHER, Marilu. TREVISAM, Elisaide. **A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana**. P.1-23. 2014. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=572f88dee7e2502b>. Acesso em: 07 de set de 2017.
- FALKENBACH, Atos Prinz. Et al. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil. **Movimento. Porto Alegre**, v.13, n. 02, p.37-53, maio/ago de 2007. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3544/1946>. Acesso em: 31 de Maio de 2017.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FANTE, Cléo. PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar- perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FIORINI, Maria Luiza Salzani. MANZINI, Eduardo José. Inclusão de Alunos com Deficiência na Aula de Educação Física: Identificando Dificuldades, Ações e Conteúdos para Prover a Formação do Professor. **Rev. Bras. Ed. Esp** - Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, Jul.-Set., 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/114307>. Acesso em: 02 de Jun de 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1, ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6, ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. [s.d]. Disponível em: http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php. Acesso em: 06 de set de 2017.

LIMA, Flávia Cunha. **Preconceito, racismo e discriminação no contexto escolar**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/preconceito-racismo-e-discriminacao-contexto-escolar/>. Acesso em: 09 de set de 2017.

MARANHÃO, Rosanne de Oliveira. **O portador de deficiência e o direito do trabalho**. São Paulo: LTR, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7, ed. São Paulo: Atlas S.A, 2015.

MARCOS, Damião. **O conceito de preconceito. Inclusão diferente**. 2012. Disponível em: <http://www.inclusaodiferente.net/2012/01/o-conceito-de-preconceito.html>. Acesso em 09 de set de 2017.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. Revista **Educación y Pedagogía**, v. 22, n. 57, p. 93-109, maio-ago, 2010. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/view/9842/9041>. Acesso em: 15 de Jul de 2017.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. Educação Especial no Brasil: Desenvolvimento Histórico. **Cadernos de História da Educação** – n. 7 – jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/1880>. Acesso em 29 de Abr de 2017.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. **História, deficiência e educação especial. Reflexões desenvolvidas na tese de doutorado: A Prática Pedagógica do Professor de Alunos com Deficiência Mental.** p.1-7. Unimep, 2003. Disponível em:

<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wpcontent/uploads/2014/09/INCLUS%C3%83O-DEFICENCIA-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-ESPECIAL.pdf>. Acesso em 11 de set de 2017.

MORAES, Fernando Cesar de Carvalho. **Educação Física escolar e o aluno com deficiência: Um estudo da prática pedagógica de professores.** 208 f. Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2010. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/74/1/Fernando.pdf>. Acesso em 01 de Maio de 2017.

NEEPDPH. **Programa anti-bullying educar para a paz.** 2013. Disponível em: <http://neepdzrn.blogspot.com.br/2013/07/programa-anti-bullying-educar-para-paz.html>. Acesso em 07 de set de 2017.

NOVA ESCOLA. **21 perguntas e respostas sobre bullying.** 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>. Acesso em: 13 de set de 2017.

OLIVEIRA, Ana Flavia Catelani de. Preconceito na escola. **Revista InterAtividade. Andradina, SP.** v.5, n.1, 1º sem. p.133-146. 2017. Disponível em: <http://www5.firb.br/editora/index.php/interatividade/article/view/219/316>. Acesso em: 09 de set de 2017.

OLIVEIRA, Josi Rosa. GOMES, Magda Altafini. Bullying: Reflexões sobre a violência no contexto escolar. **Revista Educação por Escrito – PUCRS,** v.2, n.2, jan. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947>. Acesso em 03 de Jun de 2017.

PACHECO, Kátia Monteiro de Benedetto. ALVES, Vera Lúcia Rodrigues. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Acta fisiátrica.** São Paulo. v. 14, n.4, p. 242-248. Jun-Ago, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102875>. Acesso em: 06 de set de 2017.

PERFEITO, Rodrigo Silva. Entrevista com Rodrigo Silva Perfeito: A Educação Física e o Bullying. **Revista Empresário Fitness.** p.20-26, Out-2012. Disponível em: <http://www.fisart.com.br/2017/09/artigo-entrevista-com-rodriogo-silva.html>. Acesso em: 18 de out de 2017.

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n.64, p.20-23, Jun. 2017. ISSN: 2238-8656.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Preconceito**. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/preconceito>. Acesso em: 03 de Set de 2017.

VITÓRIA. **Secretaria de Educação especial**. 2014. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/prefeitura/educacao-especial>. Acesso em: 17 de Jun de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2, ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. 7, ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SCHEWINSKY, Sandra Regina. A barbárie do preconceito contra o deficiente-todos somos vítimas. **Acta fisiátrica**. São Paulo. v.11, n.1, p.07-11. Out-Abr,2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatica/article/view/102465>. Acesso em: 06 de set de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23, ed. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva,2010.

SILVA, Ariela Bezerra. **O papel do professor no combate ao bullying na educação inclusiva**. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA. 2. 2016, Campina Grande-PB. 12p. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/resumo.php?idtrabalho=369>. Acesso em: 10 de Jun de 2017.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista brasileira de educação**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro. V.11, n.33, p.424-434. Set-Dez,2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27503304>. Acesso em: 09 de set de 2017.

SOUZA, Greicy Kelly Pereira. BOATO, Elvio Marcos. Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física do ensino regular: concepções, atitudes e capacitação dos professores. **Educação Física em Revista**. v.3, n. 2, 2009. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/1341>. Acesso em: 23 de Jun de 2017.

VIEIRA, Clara Alexandra Gomes. **Inclusão e Bullying: Práticas, prevenção e intervenção dos professores de um agrupamento TEIP**. 118 f. Tese (mestrado) - Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial. Escola Superior de Educação João de Deus, 2013. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/5277>. Acesso em: 05 de Jul de 2017.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1- Você sabe o que é preconceito?

() Sim () Não

Se sim, escreva o que é

2- Você sabe o que é bullying?

() Sim () Não

Se sim, escreva o que é

3- Na sua sala tem algum colega deficiente?

() Sim () Não

4- Você sabe a deficiência dele?

() Sim () Não

Se sim, escreva qual _____

5- Você já presenciou alguma situação de desrespeito (bullying ou preconceito) com os alunos com deficiência da escola?

() Sim () Não

Descreva a situação:

6- Na sua opinião quais as consequências que pode causar na vida desses alunos que sofrem esse tipo violência?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA A PROFESSORORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

- 1- Em qual instituição de ensino se formou, e em qual ano?
- 2- Quanto tempo você trabalha nessa escola?
- 3- O que você entende de preconceito? E de bullying?
- 4- Durante suas aulas nessa escola já ocorreu situações de preconceito e/ou bullying com alunos deficientes? Como você trabalha essas questões em suas aulas?
- 5- Como lidar com o preconceito/bullying com os alunos deficientes?
- 6- A escola te dá algum suporte se caso ocorrer essas situações em suas aulas?
- 7- Na sua opinião, quais as consequências que pode causar na vida desses alunos que sofrem esse tipo de violência?
- 8- Como é a relação dos alunos deficientes com os alunos sem deficiência em suas aulas?
- 9- Qual o papel da educação física para prevenir essas situações?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FEITA A PEDAGOGA

- 1- Em qual instituição se formou, e em qual ano?
- 2- Quanto tempo você trabalha nessa escola?
- 3- O que você entende de preconceito? E de bullying?
- 4- Qual papel da escola para prevenir essas questões?
- 5- A escola tem feito alguma ação para o combate ao preconceito e bullying com crianças deficientes?
- 6- Qual suporte a escola dá aos professores quando ocorrem preconceito e bullying em suas aulas? O que tem que ser feito?
- 7- Quais as medidas tomadas nessa escola para quem pratica essa forma de violência?
- 8- Que providências são tomadas pela instituição em relação a vítima e o agressor caso ocorra uma situação de preconceito e bullying?
- 9- O que fazer para evitar essas situações?
- 10- Na sua opinião quais as consequências que pode causar na vida desses alunos que sofrem esse tipo de violência?

APÊNDICE D – RELATO DA ESTAGIÁRIA

Sou monitora de uma aluna especial há um ano, em uma escola da rede municipal de Vitória. Comecei a monitoria em 2016, no segundo ano do ensino fundamental I. A aluna que hoje tem 10 anos, e é portadora de hidrocefalia (doença na qual ocorre aumento anormal do fluido cefalorraquidiano dentro da cavidade craniana, acompanhado de expansão dos ventrículos cerebrais, alargamento ósseo, sobretudo da testa, e atrofia encefálica, de que resultam deficiência mental e convulsões).

Nesse período pude observar diversas situações de bullying que ocorreram com a criança. Situações onde os demais alunos a insultavam com apelidos para ofendê-la e até o cúmulo de sentirem nojo ao serem tocados por ela. A criança em questão é muito dócil e nunca apresentou rancor ou raiva em relação ao jeito que era tratada pelas demais crianças, no entanto era perceptível que ela tinha noção da repulsa que as crianças tinham dela. O bullying não ocorria de forma direta, mas também de forma indireta, situações como desprezo, excluí-la dos círculos sociais e atividades em grupo em sala de aula.

Senti uma melhora significativa no comportamento das crianças esse ano a partir dos trabalhos e conversas de conscientização e empatia direcionadas aos alunos e aos pais. Desde então, ocorrem mudanças expressivas no que diz respeito à convivência e socialização em sala de aula. As crianças não colocam mais apelidos e não a tratam com tanto desprezo como antes.

Observei que as crianças se tornaram mais empáticas com o passar do tempo e com os trabalhos e discussões levantadas sobre como o bullying afeta e traumatiza o indivíduo e limita suas capacidades sociais, cognitivas e afetivas em todos os âmbitos de interação, provocando sequelas que poderão se perpetuar por toda a vida.

Estagiária.

APÊNDICE E – RESPOSTAS DA ENTREVISTA DA PROFESSORA

1- UFES, 2009/2

2- 3 anos.

3- Então, preconceito é um sentimento que você cria antes de conhecer, de saber realmente o que é aquela situação ou aquela pessoa, é algo que você cria antes. O significado da palavra bullying é valentão, coisas de briga, então são atitudes de desrespeito, de agressão verbal, ou então agressão física, que colegas praticam entre si, as vezes até como uma brincadeira na cabeça deles, pra quem está sofrendo aquela agressão pode trazer consequências graves.

4- Acontece. Acho que assim, principalmente quando chega uma criança nova, por que depois de algum tempo eles vão se acostumando, como é o caso da aluna **X**, assim que ela entrou aqui no primeiro aninho, nós tivemos muita dificuldade, mas do que nós temos hoje, hoje em dia os alunos já se adaptaram, já entenderam que ela tem uma deficiência, mas no começo nós tivemos muito mais agressão, não física, física eu nunca presenciei, mas de fulano não pode fazer essa atividade, até uma outra aluna a **Y** que tem uma deficiência no braço, nada muito grave, nas aulas de educação física no primeiro aninho quando ela entrou, as vezes a gente falava vamos fazer uma fila pra fazer tal atividade, ai quando chegava a vez dela os alunos falavam, ela não consegue não tia, mas ela ia e fazia, e provou que pode fazer as atividades, agora ela está no terceiro ano e a turma já se acostumou, ela provou pra turma que pode fazer qualquer coisa com aquele probleminha no braço dela não é nada, mas as vezes os alunos tem esse tipo de fala, e acho que por ser criança, na inocência mesmo, fala por que criança fala o que está sentindo mesmo, não tem filtro, como a gente adulto tem, que pensa um pouquinho as vezes antes de falar, criança fala mesmo, então esse tipo de situação já presenciei algumas vezes, falar que a criança não consegue, ela é café com leite, esse tipo de situação. Apesar da gente não receber nenhum tipo de formação em relação a isso, quando a gente está na faculdade a gente tem a disciplina de educação especial, que ai você lida, conhece alguns casos, mas assim é só 6 meses, então assim é muito pouco, muita teoria, ai você chega na escola e se depara com algumas situações que a gente vai mais pelo instinto, seu pessoal, por que eu acho que não é a faculdade que te prepara pra isso não, você que vai e faz, tenta contornar a situação, tenta mostrar, dizer que ele pode sim, incentiva, como é o caso do **Z** que teve o JEMVI e nós levamos, que tem uma

relação muito boa com os outros, nas aulas de educação física que são mais praticas ele não tem diferenciação nenhuma, tanto que ele joga, se ela cai e erra, os meninos briga ele não está nem ai, normal. Então a gente tenta lidar dessa forma, tentando intermediar, conversar.

5- Temos que fazer mais do instinto pessoal, não tive, não fiz nenhum curso, alguns professores até fazem, se preparam, faz um curso específico, pós nessa área mas não foi o meu caso, é mais como instinto mesmo.

6- Nós temos a professora de educação especial, mas quando aconteceu situação de preconceito, de bullying, nós recorremos a pedagogia, a coordenação, mas comum é ir a coordenação, e lá elas fazem aquela conversa, acho que é esse o suporte, mas acho que todo mundo está meio despreparado pra enfrentar certas situações assim.

7- A gente vê que pode trazer consequências graves, da criança ficar retraída, as vezes aceitar aquilo ali que as outras crianças estão falando como uma verdade pra vida dela, que você é incapaz, que você não consegue, como eu te falei eu não vejo maldade, até uma criança de terceiro ano eu não acho que ela fale sabendo que ela pode estar fazendo o mal pra outra criança, por que criança não tem filtro mesmo, as vezes eles falam assim como falam verdade na nossa cara, nossa tia você está feia hoje, essa roupa está feia, eles não sabem que pra uma criança pode ter consequências graves, ai algumas como no caso da aluna Y, acho que ela não incorpora aquilo, não afetou ela,

E no caso da aluna X você acha que afetava ela?

Acho que ela fica um pouquinho retraída, ela deixa de fazer algumas coisas, por causa de comentários, apesar dela ser implicante, tanto que quando ela reclama de implicância os alunos também falam que ela implica. Então assim é coisa de criança as vezes eu vejo, que são coisas deles, coisa de criança, que não é por causa da deficiência dela, não é bullying, igual teve um aluno que pintou o cabelo de vermelho e eles ficaram chamando ele de cabeça de pica pau, sabe essas piadinhas assim, não por que ele é deficiente, é coisa de crianças, o diferente chama a atenção, daí eles implicam e fazem piadinha mesmo, é isso que eu estou falando, até uma certa idade não tem maldade, eu não vejo como maldade, ai a partir do 5º ano 6º ano, a gente vê que eles já tem maldade, já sabem o que estão fazendo,

8- Eles tem uma relação boa, o que nós tivemos dificuldade foi no primeiro ano, com as alunos X e Y, que precisamos fazer reunião com os pais de alguns alunos que

estavam agredindo verbalmente, mas assim com o passar do tempo, eles foram convivendo, agora no 3º ano juntos, eles foram se acostumando, eu acho que eles tem uma convivência boa.

9- A educação física é um momento de socialização onde eles tem mais contato físico com o outro, de trabalhar em grupo, igual nos jogos eles precisam um dos outros, então na educação física é esse momento de estarem interagindo tendo a oportunidade, por que as vezes na sala de aula cada um fica na sua mesinha, fazendo sua atividade, e na educação física eles tem esse momento de precisar um do outro, de poder num jogo colaborar um com o outro, então é um momento de socialização, tem alunos devido algumas medicações que tomam as vezes eles ficam mais apáticos, retraídos, sonolentos.

APÊNDICE F – RESPOSTAS DA ENTREVISTA DA PEDAGOGA

1- UFES, 2008/1

2- 4 anos.

3- É tudo aquilo que a gente fere o outro em relação ao que é diferente, não é nem diferente né, eles costuma dizer que é a minoria, o que está faltando é a gente respeitar a minoria que está ali, a gente tem que entender que somos diferentes, mesmo sendo menos que os outros que não é o padrão da sociedade as pessoas costumam ter um pouco de preconceito, quando somos aquela minoria então está precisando das pessoas respeitar a diferença tanto da pessoa deficiente, os negros, que ainda está tão enraizado na história que o negro até hoje é subordinado, fala que não, mas é, só olhar na TV nas propagandas que a gente vê, então o que está faltando na gente é tolerância e respeito as diferenças, as minorias.

4- Mediador. Por que esse tipo de preconceito tem dentro da escola, com os magros, altos, obesa, cabelo crespo, temos o papel de ser intermediador.

5- Sim, fazemos de uma forma interdisciplinar, usamos a disciplina de português, história, geografia, o ano passado mesmo a própria secretaria de educação trouxe esse projeto pra dentro da escola, fizemos um trabalho muito forte, mas eu acho que isso está enraizado na própria família, na própria comunidade, mesmo a gente fazendo projeto, nós não sentimos muita diferença, não sentimos muita evolução, isso eles já trazem lá de fora, a família e comunidade não ajudam.

6- Chamar ambas as partes para conversar, primeiro temos que resolver dentro da escola, esse tipo de problema, quando a gente vê que o problema não é resolvido ai chamamos a família pra está atuando também.

7- Projeto, conversa com aluno, conversa com a família, atividades interdisciplinares.

8- Idem 7.

9- Idem 7.

10- Psicológica, se sente rejeitado, se sente menos que o outro, por que ele não se sente igual, adolescente gosta de se popular, gosta de ser aceito, então quando isso acontece pode até causar uma certa depressão, ele quer está no meio, mas quando sofre bullying se sente rejeitado, por que ele não é aceito, e adolescente se preocupa muito com aceitação, e quando sofre bullying ele acha que não é aceito e isso tem serias consequências, na minha época já existia isso, só que

a gente via de forma saudável, todo mundo tinha apelido, só que a gente olhava forma saudável, e hoje os apelidos é pra ferir, machucar, atingir, e acaba causando uma certa dificuldade de aprendizagem, por que quando atinge o psicológico, atinge o social também, pode até cair o índice de rendimento na escola também. Se a família não ajudar, não conversar e a escola não tomar providências né.

Já aconteceu algum caso nessa escola?

Já sim, aqui é todo dia, frequentemente, direto a gente tem que intermediar, isso é um trabalho constante aqui na escola.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Idade: _____ anos. R.G.: _____

Eu _____, abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que se segue:

1) Fui informado, de forma clara e objetiva, que o professor Leonardo Miglinas e sua orientanda Karina de Oliveira estão realizando uma pesquisa acerca do Trabalho de Conclusão de Curso; 2) Sei que, nesta pesquisa, serão realizadas observações e entrevistas; 3) Estou ciente que, caso me sinta constrangido(a) antes e durante a realização da entrevista, não é obrigatória a minha participação nesta pesquisa; 4) Poderei saber, por meio desta pesquisa, como foram “tratados” os dados que dizem respeito à minha pessoa; 5) Sei que os pesquisadores manterão em caráter confidencial todas as respostas que comprometam a minha privacidade e identidade; 6) Caso queira, poderei receber informações atualizadas durante o estudo, ainda que isso possa afetar a minha vontade em continuar dele participando; 7) Estas informações poderão ser obtidas por contato com a pesquisadora Karina de Oliveira (via telefone: (27) 99245-9995 ou por correio eletrônico: karinamanhani@outlook.com); 8) Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado (por meio de publicações em artigos e trabalhos acadêmicos) com o objetivo científico, mantendo-se a minha identidade em sigilo; 9) Quaisquer outras informações adicionais que julgar importantes para a compreensão do desenvolvimento da pesquisa e de minha participação poderão ser obtidas com o referido pesquisador; 10) Autorizo que as informações obtidas ao longo da referida pesquisa venham a ser publicadas em artigos acadêmico-científicos, bem como apresentadas em eventos da mesma natureza, desde que observados os critérios que não comprometam de forma alguma minha privacidade e identidade.

Declaro, ainda, que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Vitória, _____ de _____ de 2017.

Pesquisador Sujeito da pesquisa Testemunha 1 Testemunha 2